

Como foi explicado no capítulo anterior, as mulheres do mercado, e principalmente as peixeiras, tinham o privilégio de poder visitar a família real em ocasiões especiais desde o tempo de Luís XIV. Essas comerciantes usavam o canal de comunicação privilegiado com o Rei sempre que possível: nesta cena, vieram cumprimentar os soberanos em nome do povo pelo início da Constituição. Mas a legenda do desenho (*fig. 20*) está incorreta, pois a visita na verdade aconteceu em 7 de agosto, quando ainda havia boas relações entre o povo e o Rei<sup>69</sup>. Nos dias 5 e 6 de outubro, houve a grande Marcha para Versalhes e o Rei e a família real foram trazidos para Paris pela multidão, em cujo núcleo estavam as sete mil *Dames de la Halle*.

A cena mostra a deputação de oito mulheres vestidas à maneira popular, com suas toucas brancas. De acordo com sua tradição, elas cantam ou recitam versos para a família real, como também fizeram para os deputados dos Estados Gerais, (ver análise do documento no Capítulo 1, sub-ítem "Antecedentes sociais e políticos da Marcha"). Trazem flores, e uma delas oferece um buquê ao Rei, que está de pé ao lado da Rainha e do filho sentado no colo da mãe. O príncipe deve ser o Duque da Normandia, o segundo filho do casal, porque em agosto o primeiro delfim já havia falecido. Maria Antonieta parece receber a homenagem de bom grado, com seu braço aberto e mão estendida. Em se tratando de Versalhes, o ambiente é bastante informal: há proximidade física entre os soberanos e as visitantes, e poucas testemunhas do encontro. Mas não há cadeiras para elas se sentarem, o que indica que a visita era breve, e feita de pé: havia o ritual dos versos cantados, das flores, posição das pessoas na sala. O linguajar rude "da feira" é relatado por Applewhite na obra referida abaixo. Achei esta imagem interessante porque foi a única que encontrei das comerciantes em sua "missão ritual" de falar com o Rei em nome do povo antes da Marcha a Versalhes<sup>70</sup>. Em compensação, há uma iconografia variada das jornadas de outubro, com esse mesmo grupo social feminino. Chamou-me a atenção a qualidade desigual do desenho: há basicamente dois tipos de rosto na figura, um para a família real e outro para as visitantes. O rosto do Rei, da Rainha, da mulher atrás da sua poltrona e do

<sup>69</sup> APPLEWHITE, Harriet B. & LEVY Darline G. "Responses to the Political Activism of Women of the People in Revolutionary Paris, 1789-1793. IN **Women and the Structure of Society** – Selected research from the fifth Berkshire Conference on the History of Women., edited by Barbara J. Harris and JoAnn K. McNamara. Duke Press Policy Studies, 1984, pp.218-220.

<sup>70</sup> MARAND-FOUQUET, Catherine, **La femme au temps de La Révolution** – Paris, Éditions Stock/Laurence Pernoud, 1989, legenda fig. 18.

príncipe são iguais, só muda o penteado. Da mesma forma as *Dames de la Halle* têm rostos iguais. Porém, o desenho do ambiente é de alta qualidade: a perspectiva das salas, as colunas, os relevos em cima dos portais, o panejamento da cortina e da manta na banquetta. Penso que a arquitetura foi realizada por um profissional e os toscos "retratos em série" por alguém menos capacitado. Teriam eles desenhado com base em relatos de segunda mão e por isso simplificaram os rostos? As feições padronizadas nos permitem supor que o importante era mostrar "as *sans-culottes*" e "a família real" como grupo e não como indivíduos, para revelar a dinâmica do relacionamento entre eles no palácio, daí o cuidado com o desenho da arquitetura. O artista popular queria enfatizar a importância social das mulheres do mercado – o público a quem se dirigia talvez não notasse o subterfúgio da repetição facial. Seja como for, é interessante notar o convívio amistoso e respeitoso, num contraste brutal com as cenas de desafio e violência das mesmas protagonistas nas jornadas de outubro.

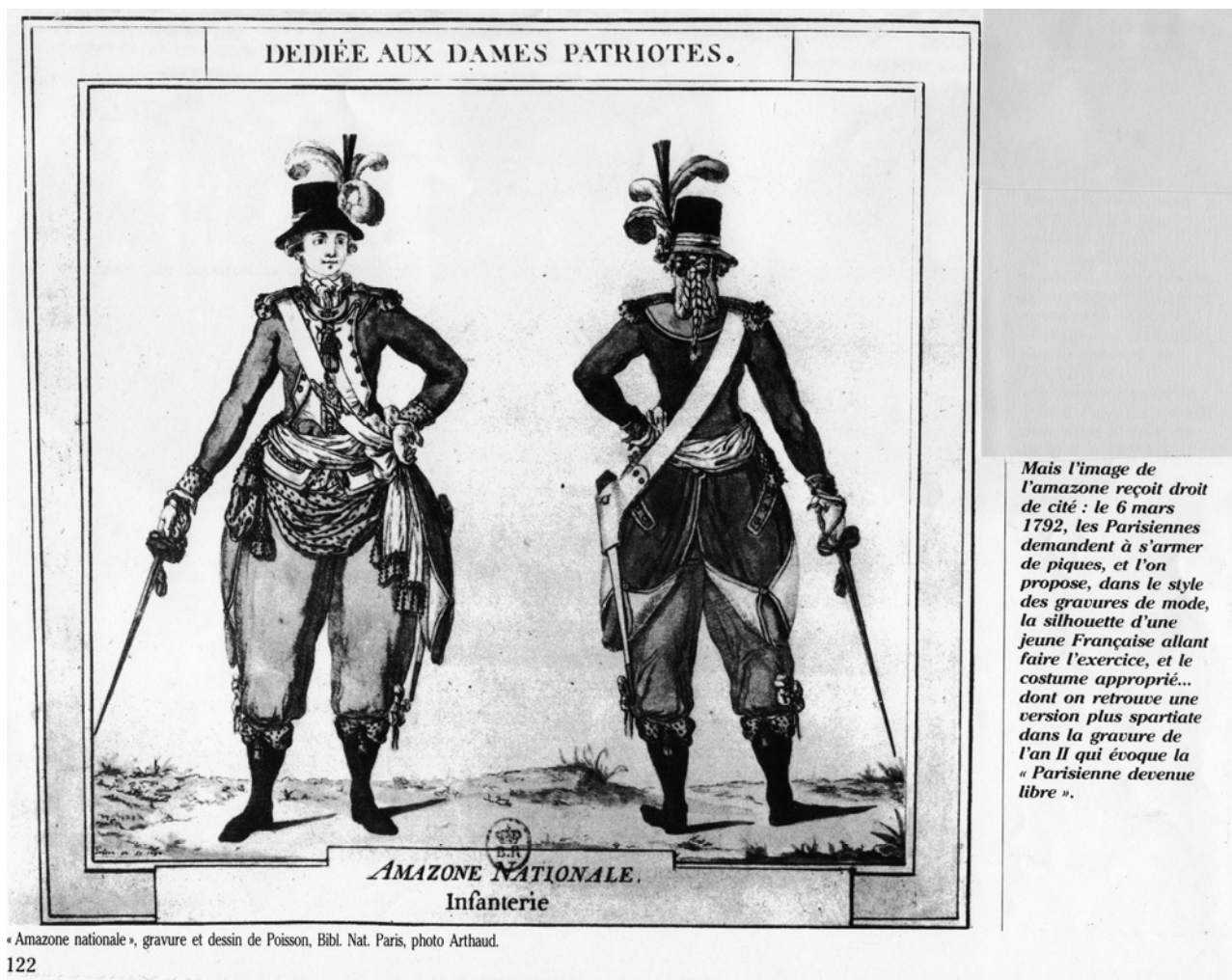


Figura 21 - Dedicada às Damas Patriotas - Amazona Nacional – Infantaria – gravura e desenho de Poisson, Biblioteca Nacional, Paris.<sup>71</sup>

Agora passamos à série das mulheres-soldados. Apresentarei três imagens de soldadas bem diferentes entre si. O texto de M. Vovelle ao lado da primeira gravura é o seguinte:

(...) Mas a imagem da amazona recebeu direito de cidade: em 6 de março de 1792, as parisienses pediram para se armar com piques. Propôs-se então, no estilo das gravuras de moda, a silhueta de uma jovem francesa indo exercitar-se com o traje apropriado...o qual encontramos também numa versão mais espartana na gravura do Ano II que evoca a "Parisiense que se tornou livre".

Segundo o texto de Vovelle, esta primeira imagem apareceu logo depois da petição de Pauline Léon para formação de uma milícia feminina na Assembléia

<sup>71</sup> VOVELLE, Michel, **La Révolution Française: Images et Récit**, 5 vols, Paris CNRS, 1988, cap. 7.

Nacional em março de 1792. Parece realmente um desenho de revista de moda - vemos ali uma sugestão de uniforme feminino para as "amazonas nacionais". O artista não questiona o conceito da mulher-soldado, age como se fosse ponto pacífico, o que pode significar que elas eram mais numerosas e mais bem aceitas do que se pensa. O figurino é uma homenagem às soldadas patriotas, como diz o título "Dedicada às damas patriotas". Isto dito, Poisson passou a desenhar um uniforme com algumas características militares masculinas, como o casaco com *épaulettes*, botas, chapéu de plumas, sendo que o chapéu e as botas têm um formato feminino. As armas são menores e mais leves que as masculinas: o florete e a carabina. Na visão de costas, o cabelo da soldada está trançado num penteado sofisticado. Da cintura para baixo, a roupa se torna extravagante, com chales, borlas, proteção para os culotes largos. A roupa chama a atenção pela imponência, à altura da missão, mas também pela quantidade de adereços, enfeites e detalhes que não seriam práticos para exercícios militares. Ou seja, temos aqui uma indumentária só para desfile e opereta, não para a guerra. A farda apela para a vaidade feminina e atrai os olhares masculinos, bem ao espírito do Antigo Regime. As mulheres querem formar uma milícia? Então que vão, mas bonitas, sem perder a feminilidade. Vestidas assim, teriam que pedir ajuda para se locomover na frente de batalha, preservando a ordem social e os papéis sexuais tradicionais.



Figura 22. As francesas se tornam livres<sup>72</sup>

No seu cinto tricolor se lê : **Libertas Hastata Victrix!** 14 Juillet (A Liberdade quando armada com sua lança é vitoriosa! – 14 de julho) e na ponta da lança a inscrição: **Liberté ou la Mort** (a Liberdade ou a Morte).

<sup>72</sup> Cortesia do Museu Carnavalet

**E nós também, nós sabemos combater e vencer. Nós sabemos manejar outras armas além da agulha e do fuso. Ò Belona! companheira de Marte, com teu exemplo, não deveriam todas as mulheres marchar de frente e com passo igual ao dos homens? Deusa da força e da coragem! Pelo menos tu não tens que enrubescer por causa das FRANCESAS**

*Extrato de uma Oração das Amazonas a Belona.* Da Coleção Geral de Caricaturas sobre a Revolução Francesa de 1789.

A postura e o olhar da "francesa libertada" transmitem orgulho, confiança e força. A amazona acredita nas palavras "Liberdade ou Morte" gravadas na lança, e está disposta a colocar em prática os princípios revolucionários. Ela quer ir além do fuso e da agulha, seus horizontes são mais largos: ela almeja a glória de combater e vencer – quer mostrar seu valor. Em março de 1792, Pauline Léon e trezentas companheiras fizeram uma petição para formar uma milícia defensiva contra os inimigos internos da nação. A Assembléia não concordou (ver Capítulo 1, item "O direito às armas"). Por conseguinte, suas armas foram mais simbólicas – desfilavam pelas ruas com algumas piques. A amazona da gravura faz causa comum com as outras francesas, supondo que todas elas também queiram mostrar do que são capazes as mulheres livres. Libertadas? Sim, da tirania política, da corrupção dos costumes, da frivolidade e leviandade que as escravizavam no passado recente. Acima de tudo, não precisavam escolher entre a domesticidade do casamento, a vida libertina ou o convento - havia novos caminhos. Com a Revolução, as mulheres livres podiam se engajar na defesa da pátria. No chão vêem-se correntes e algemas partidas, uma alusão à antiga escravidão das mulheres. Na ótica da personagem, a libertação aconteceu com a tomada da Bastilha em 14 de julho de 1789, conforme os dizeres do cinto tricolor transcritos acima. O canhão e munição evocam o marco histórico. O vestido e o chapéu realçados pelas cores francesas obedecem o figurino de sobriedade patriótica republicana. A mão na cintura revela a determinação de quem já decidiu abraçar uma causa. Não há nada nesta imagem que lembre a doçura da maternidade. A mulher retratada poderia ser Pauline Léon ou Claire Lacombe: sua atitude e seu discurso - na lança, no cinto, na roupa, nos gestos – era o daquelas militantes. A energia da "francesa livre" evoca as Republicanas Revolucionárias e outros membros de clubes políticos femininos. Porém, essas amazonas urbanas não se alistaram no exército, em vez disso, tomaram parte ativa no movimento popular. Mais que às guerreiras, o termo amazona ficou associado às ativistas que frequentavam as assembléias e participaram



das jornadas revolucionárias<sup>73</sup>. Mas a mulher armada que invocava Belona ameaçava a tradicional diferenciação dos papéis sexuais. Os republicanos trataram de coibir "tanta liberdade" para transformá-las em donas de casa submissas aos maridos.



<sup>74</sup> Figura 23 - **As mulheres-soldado** – Aquarela de Lesueur, Museu Carnavalet.

<sup>73</sup> ROSA, Annette, **Citoyennes**, Paris, Messidor, 1988 , p. 193.

**Mulher que combateu ao lado de seu marido na Vendéia onde sofreu ferimentos; seu marido foi morto, e ela continuou a lutar e foi ferida novamente; seu sexo tendo sido descoberto, ela foi dispensada com uma pensão; ela queria conservar o traje masculino, mas foi obrigada a tirá-lo.**

Esta mulher lutou na guerra civil da Vendéia, apesar de ser mãe de dois filhos pequenos e aparentar estar grávida do terceiro, como sua roupa deixa transparecer. Eis aqui um bom exemplo de mulher-soldado leal à Revolução e à família ao mesmo tempo. Esta é uma das heroínas que lutaram disfarçadas junto com os maridos. As mulheres foram à guerra para não se afastar dos maridos e noivos e por dedicação à causa republicana. A personagem usa chapéu masculino com a cocarda, casaco de uniforme, outra cocarda no peito, calça listrada de *sans-culottes*, numa espécie de uniforme heteróclito. Esses trajes estão mais próximos da realidade que os anteriores. Lesueur a retrata com muita simpatia, porque apesar de ter combatido em trajes masculinos, vê-se que é boa mãe, cuida dos filhos, inclusive já ensina o mais velho a usar as cores nacionais. E sobretudo não abandonou sua feminilidade, qualidade essencial numa mulher republicana. Ela fez por merecer a pensão do exército. Evidentemente, a mulher-soldado tinha orgulho do uniforme e não queria deixar de usá-lo, mas foi obrigada a isso. O olhar da personagem denota conformidade, aceitação de seu papel materno na nova vida civil. As mulheres aquiescentes que desempenham o papel que a sociedade lhes designa, sem querer "sair de seu sexo", são recompensadas e homenageadas, como aconteceu com várias mulheres-soldados de histórias parecidas com a desta *sans-culotte* guerreira.

A seguir veremos cinco exemplos da iconografia da participação feminina nas jornadas revolucionárias, começando com a partida das mulheres para a emblemática ***Marcha para Versalhes em 5 de outubro de 1789 (fig. 24)***. O título da pintura anônima é significativo: a repetição da exclamação "A Versalhes, a Versalhes" reflete o "grito de guerra" da massa rebelada. A pintura mostra uma multidão de mulheres armadas, no que seria o início da Marcha. Trata-se de um "*flash*" da ação popular, cheio de drama e movimento. Depois do ataque infrutífero ao Hôtel de

---

<sup>74</sup> CARBONNIÈRES, Philippe de, **Lesueur – Gouaches Révolutionnaires – Collections du Musée Carnavalet**, Paris, Paris-Musées, 2005 figura 56





Figura 24 - A Versalhes, a Versalhes, em 5 de outubro de 1789.<sup>75</sup>  
 Pintura anônima.

<sup>75</sup> Cortesia do Museu Carnavalet, Paris.

Ville, as mulheres do povo, vindas dos *faubourgs* e do mercado central, atenderam rapidamente ao chamado dos sinos e dos tambores para a reunião na praça Luís XV. Se prestarmos atenção, notaremos a presença de dois homens misturados às mulheres. De fato, muitos homens se juntaram à multidão feminina, escoltada também pelos Guardas Nacionais atrás do cortejo. Mas o grupo era constituído principalmente por peixeiras e outras feirantes do mercado, artesãs, esposas de artesãos e pequenas comerciantes – a estimativa é de sete mil mulheres. Vemos uma líder à direita dando ordens ou instruções para as que vêm atrás, nessa fase de organização da Marcha. Se traçarmos uma linha horizontal no meio da figura, vemos na parte inferior os corpos inclinados para a frente indicando o ímpeto do movimento físico, mas também o entusiasmo e a obstinação dos participantes. Ainda na parte inferior, o grupo principal no centro da figura: na falta de bestas de carga, três mulheres e um homem se atrelam ao canhão, e a posição dos corpos denota o tremendo esforço para mover a peça de artilharia pesada (a peça era de navio, feita para não escorregar com facilidade). O homem é o único que está de frente para o espectador, olhando para o lado. Uma mulher de vestido amarelo puxa a peça com uma mão, e segura a pique com a outra. E atrás do canhão, outra participante ajuda a empurrá-lo, enquanto dá o braço com energia a uma mulher que parece estar entrando na Marcha a contragosto. Isso fica evidente pela posição do corpo e direção do olhar, opostos aos do resto do grupo. O vestido, o chapéu e a atitude lhe dão ares de burguesa. Atrás dela há um personagem que deve ser um homem jovem, com barrete frígio e camisa masculina, brandindo um sabre com força – é a única arma em posição de ataque na pintura. Seria um burguês disfarçado de *sans-culotte*? Seu braço está enlaçando a cintura da mulher burguesa, e sua mão está visível à esquerda do vestido – o gesto talvez signifique que ela era uma libertina sem motivação política, apenas acompanhando seu galante. Tal possibilidade não justifica, entretanto, a acusação de que as integrantes da Marcha eram prostitutas. Na parte superior da figura vemos uma profusão de armas brancas: piques e lanças, bastões de madeira, machados, um garfo e um sabre curvo ao longe. Há uma ordem na confusão aparente: todas as armas se inclinam para trás, em posição de marcha. A maioria das mulheres distinguíveis na figura parecem estar na faixa etária entre os quarenta e os cinquenta anos. Isso fica bem claro nas que estão na primeira linha de visão do espectador. Este exemplo parece confirmar que as mães de crianças pequenas não se arriscavam em rebeliões. A vontade de marchar, a determinação dos rostos, o gestual decidido, o grito "A Versalhes" falam em favor da espontaneidade da Marcha,

e não de manipulação de terceiros, aspecto que discuti no item "Repercussões da Marcha" no Capítulo 1. A organização geral é uma indicação de que aquelas mulheres não eram novatas no planejamento de manifestações de grande porte. Havia dois canhões sem munição, segundo o testemunho do Guarda Nacional Maillard<sup>76</sup>, o qual liderou a Marcha a pedido das mulheres. Maillard, porém, era uma testemunha suspeita, pois seu objetivo no inquérito era eximir-se de toda culpa pelo episódio. Por que o sacrifício de arrastar os canhões desarmados por catorze quilômetros debaixo de chuva? Hufton<sup>77</sup> acha que as armas eram simbólicas, pois as mulheres dificilmente saberiam atirar com a arma pesada. Tal impedimento provavelmente era verdadeiro, mas não podemos nos esquecer de que elas contavam com os Guardas Nacionais na retaguarda. Loustalot escreveu no jornal *Révolutions de Paris*: "(...) algumas carregam pólvora e balas; algumas conduzem os cavalos, outras sentadas sobre os canhões têm nas mãos a temível mecha e outros instrumentos de morte. Elas (quatro mil) partiram dos Champs-Élysées escoltadas por quatrocentos ou quinhentos homens armados de tudo o que lhes caiu nas mãos"<sup>78</sup>. A pintura mostra grande número de mulheres armadas. A intenção de intimidação é explícita, e a questão da munição dos canhões não foi suficientemente esclarecida. Mas o simbolismo dessa artilharia – o povo levantado e armado - foi poderoso, e contribuiu para assustar a cúpula do poder, que decretou a lei marcial ainda no mês de outubro<sup>79</sup>. Por outro lado, o que está bem claro na figura é a união, o senso de propósito, a vontade inabalável, a organização do grupo, e a cooperação entre homens e mulheres integrantes da Marcha.

---

<sup>76</sup> MAILLARD, Stanislas, - **Procédure criminelle instruite au Châtelet de Paris, 1790**, IN LEVY, Darline G., APPLEWHITE, Harriet B., JOHNSON, Mary D. - **Women in Revolutionary Paris – 1789-1795** – . Selected documents translated with notes and commentary by the authors – Urbana e Chicago, University of Illinois Press, 1980. pp. 36-42.

<sup>77</sup> HUFTON, Olwen H., **Women and the Limits of Citizenship in the French Revolution**, Toronto, Buffalo, London, University of Toronto Press, 1992, p. 14.

<sup>78</sup> LOUSTALOT, citado por DUHET, Paule-Marie, **Les Femmes et la Révolution – 1789-1794**, Paris, Gallimard, 1971, p. 48.

<sup>79</sup> APPLEWHITE, Harriet B. & LEVY Darline G. "Responses to the Political Activism of Women of the People in Revolutionary Paris, 1789-1793. IN **Women and the Structure of Society** – Selected research from the fifth Berkshire Conference on the History of Women., edited by Barbara J. Harris and JoAnn K. McNamara. Duke Press Policy Studies, 1984, p. 224.



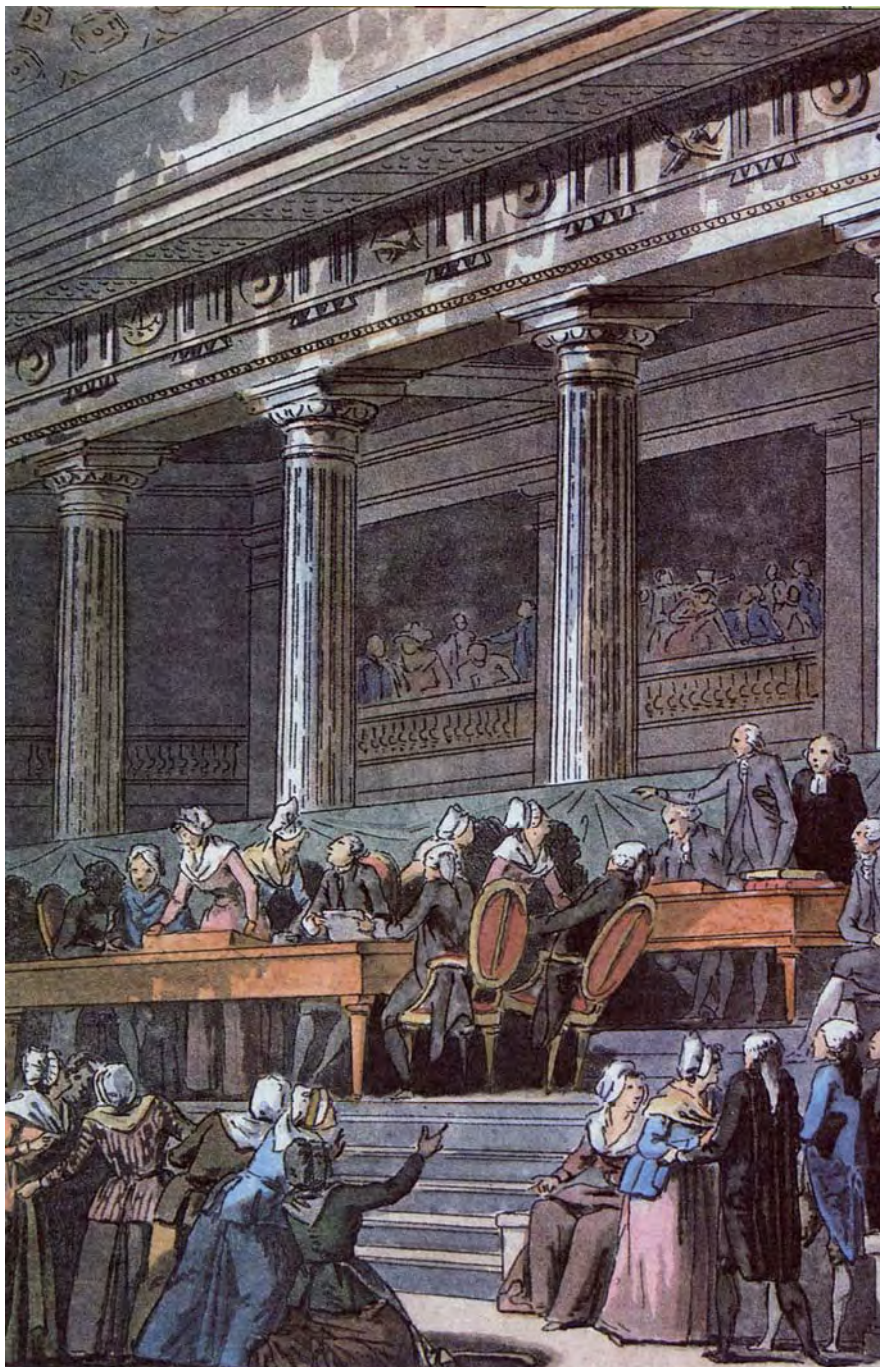


Figura 25 - **O 4º Acontecimento de 5 de outubro de 1789**: as mulheres parisienses participam da sessão da Assembléia Nacional entre seus Deputados – Imagem 5). **(4e Événement du 5 Octobre 1789: les femmes Parisiennes siégeant à l'Assemblée Nationale parmi leurs Députés – Image 5)**<sup>80</sup>. Anônimo.

Como o título indica, esta imagem do **4º Acontecimento** devia fazer parte de uma série sobre os acontecimentos da Revolução. Não se sabe se a gravura pertencia a uma coleção encadernada, nem quando foi publicada. O título é neutro e não denota animosidade em relação ao "acontecimento", que é a invasão da Assembléia Nacional

<sup>80</sup> ROSA, Annette, *Citoyennes*, Paris, Messidor, 1988, p. 84

pelas mulheres de Paris<sup>81</sup>. Mais que isso, a expressão "[as mulheres] participam da sessão" é benevolente em relação à ação inédita e perturbadora daquelas manifestantes. Enquanto o *Journal de Paris* se alarmou com as facas e adagas penduradas da cintura de algumas delas, a imagem não transmite indícios de violência e sedição<sup>82</sup>. É como se fosse absolutamente corriqueiro que um grupo de populares impusesse a própria presença no recinto, fazendo exigências e ditando regras aos representantes da nação. A figura mostra o lado farsesco da inversão de papéis, sem criticar a ação. O único sinal de protesto e talvez indignação está entre os espectadores bem vestidos da galeria: os homens de redingote e as mulheres enchapeladas se movimentam e gesticulam entre si. No lugar de Mounier, Presidente da Assembléia, há uma mulher discursando; várias outras falam com os deputados em volta da mesa, interrompendo seu trabalho; uma delas quer transitar num espaço estreito e quase derruba a cadeira de um dos integrantes da mesa. Enquanto isso um deputado lhe dirige a palavra, de pé com o braço estendido, como se a advertisse. O representante é a maior figura de autoridade na cena: ele está num patamar mais elevado, ladeado por um clérigo e outros deputados, sua fala é solene, e seu poder se apóia nos livros sobre a mesa. À direita, duas mulheres conversam com dois deputados, uma delas sentada familiarmente sobre a mureta. No grupo central, as mulheres se comportam como se estivessem no mercado ou numa reunião de bairro, conversando e andando com naturalidade. Uma delas é dramática: ajoelhada, levanta os braços como se implorasse alguma coisa. Não é o gestual da reivindicação agressiva. Em meio à desordem que denota quebra do protocolo e inversão de papéis entre o povo e seus representantes, a imagem, entretanto, não acusa o tom de hostilidade e desafio presentes em vários documentos da época, discutidos na dissertação e relatos historiográficos<sup>83</sup>. Landes pensa que a imagem deste 4º **acontecimento** preparou o caminho da aceitação dos protestos das "mulheres de outubro" e sua incorporação na narrativa comemorativa da Revolução.

---

<sup>81</sup> As referências às idéias de Joan Landes nesta análise estão em LANDES, Joan, **Imaging the French Revolution**, <http://chnm.gmu.edu/revolution/imaging/essays/landes2.html>

<sup>82</sup> APPLEWHITE, Harriet B. & LEVY Darline G. "Responses to the Political Activism of Women of the People in Revolutionary Paris, 1789-1793. IN **Women and the Structure of Society** – Selected research from the fifth Berkshire Conference on the History of Women., edited by Barbara J. Harris and JoAnn K. McNamara. Duke Press Policy Studies, 1984, p. 221-222.

<sup>83</sup> idem, pp. 215-231; e também em HUFTON, Olwen H., **Women and the Limits of Citizenship in the French Revolution**, Toronto, Buffalo, London, University of Toronto Press, 1992, pp. 3-18.





Figura - 26 **Jornada Memorável de Versalhes, na 2ª feira, 5 de outubro de 1789.**<sup>84</sup>

**Anônimo -**

"Jornada memorável de Versalhes, na 2ª feira, 5 de outubro de 1789. Nossas modernas amazonas, gloriosas de suas vitórias, voltaram a cavalo sobre os canhões, com vários Senhores da Guarda Nacional, segurando ramos de álamo ao barulho dos gritos repetidos de Viva a Nação, Viva o Rei."

<sup>84</sup> Cortesia do Museu Carnavalet, Paris.

A pintura e o texto são anônimos. O retorno de Versalhes para Paris na verdade ocorreu no dia 6 de outubro e não no dia 5 como está na legenda. Os dizeres da imagem, traduzidos acima, elogia as heroínas de outubro e as considera amazonas vitoriosas. O autor tem uma visão favorável do cortejo da volta a Paris, e descreve a cena das mulheres que "voltaram a cavalo sobre os canhões" sem emitir julgamento, assim como a camaradagem entre elas e os Guardas Nacionais. Os gritos de "Viva a Nação, Viva o Rei" refletem o sucesso da insurreição. Elas foram a Versalhes, lutaram por seus objetivos e venceram. Obtiveram dos deputados e do Rei promessas de normalização do abastecimento de pão, e trouxeram o monarca e a família real de volta à capital.

Mas as palavras e a imagem são contraditórias: a pintura sugere uma crítica à moralidade das "heroínas de outubro". O clima é de festa, vários personagens agitam galhos de álamo (*peupliers*), simbolizando a árvore da liberdade. Um homem acompanha a carroça dançando. O soldado aproveita a ocasião para intimidades com uma das mulheres, por sinal, bastante receptiva – ela se expõe indevidamente em público e escapa ao figurino da discrição preferido pela sociedade revolucionária. A outra *sans-culottes* está montada no canhão. Já havia, no início da Revolução, um repúdio às mulheres que se "comportavam como homens", rivalizando com eles e pior, ameaçando-os com instrumentos de morte. A mulher montada à maneira masculina no canhão-fálico está usurpando o símbolo da violência e da força viril, "saindo de seu sexo", o que configura uma aberração. Essa imagem deixou uma impressão duradoura no imaginário dos contemporâneos, que produziram inúmeras versões do retorno de Versalhes – e não só na França - sempre com mulheres montadas nos canhões. A transgressão sexual e política vinham juntas: depois de subverter a hierarquia na Assembléia Nacional, as mulheres queriam subverter também as relações sociais tradicionais entre os sexos. Em compensação, há um casal de espectadores olhando a passagem do cortejo. A burguesa não participa nem se manifesta, como se espera de uma mulher recatada, que sabe seu lugar na ordem social. Não sabemos o que chegou primeiro ao público, se os relatos jornalísticos ou as gravuras, pois as imagens são anônimas e sem data. Mas os críticos da Marcha a Versalhes aproveitaram descrições como esta para dizer que a multidão era constituída de prostitutas, "fúrias" e viragos (termo do XVIII para lésbicas) desqualificadas que exerciam sua sexualidade em público, tema discutido no item "**Repercussões da marcha**", no Capítulo 1.



Figura 27 - **Dia 1º de Prairial do Ano III** – (1795)<sup>85</sup> Gravador: Isidore Helman, artista desenhista: Charles Monnet.

Este desenho é do artista Monnet, que captou o momento da violência da multidão. No centro do desenho vemos a cabeça do deputado Féraud na ponta de uma pique, agitada na frente dos representantes. Achei interessante colocar duas imagens da mesma gravura porque na primeira se vêem os detalhes do grupo mais próximo ao pódio, e na segunda, na próxima página, o conjunto da massa popular na sala da Convenção. Landes acha que esta gravura de artistas reconhecidos se destinava a um público de colecionadores republicanos moderados.

<sup>85</sup> Todas as referências aos comentários de Joan Landes estão em LANDES, Joan, **Imaging the French Revolution**, <http://chnm.gmu.edu/revolution/imaging/essays/landes2.html>



O inverno terrível de 1794-95 trouxe a fome, e as mulheres faziam ameaças nas filas das padarias: " marcaremos os deputados com ferro em brasa e iremos à Convenção colocar a pistola na garganta deles e liquidá-los"<sup>86</sup>. Quando a ração de pão caiu para 4 onças por dia, homens e mulheres se revoltaram em Germinal (27 de março), e, pela última vez, em Prairial (20 de maio). As mulheres foram as principais instigadoras das revoltas de Germinal e Prairial e a questão da subsistência, o motivo premente.



FIG. 1. "*Journée du 1er prairial de l'an III.*" Engraving by Helmon, after Monnet. Musée Historique de la Ville de Montreuil.

Women and men in the Convention Hall of the first of Prairial, Year III. In the morning, Parisian women marched on the Convention, followed by men bearing arms; in the afternoon they joined the men in the crowd inside the Convention.

Figura 28 – **Jornada do 1º Prairial do Ano III** – Gravura de Helman , desenho de Monnet. Museu Histórico da Cidade de Montreuil<sup>87</sup>

<sup>86</sup> HUFTON, Olwen H., **Women and the Limits of Citizenship in the French Revolution**, Toronto, Buffalo, London, University of Toronto Press, 1992, pp. 42-50.

<sup>87</sup> APPLEWHITE, Harriet B. & LEVY Darline G. (edited by) **Women & Politics in the Age of the Democratic Revolution**, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1993., p. 67.

Mas havia também razões políticas que se expressavam no grito: "Pão e Constituição de 1793", como foi discutido no Capítulo 1, item "As insurreições de Germinal e Prairial do Ano III". Algumas mulheres não se limitaram à violência verbal, e há indicações de que algumas teriam participado da decapitação do deputado Féraud que se opôs à entrada do povo armado na Convenção. Na primeira imagem (*fig. 28*) vemos o presidente da sessão Boissy d'Anglas em sua poltrona, tentando tocar o sino para restabelecer a ordem naquele pandemônio, enquanto é acossado por revoltosos que gesticulam à sua volta. Grupos de sans-culottes empunhando sabres e piques ocupam o plenário. As mulheres também se agitam e levantam os braços. À esquerda, num patamar elevado, está um casal jovem, ele segurando o chapéu na mão, talvez em sinal de respeito pela morte do representante: os dois parecem consternados com a cena. Há também um casal de sans-culottes abraçado logo abaixo. Na segunda gravura (*fig. 29*) No canto inferior esquerdo da imagem, um casal se retira apressadamente do recinto como quem está horrorizado com a cena dantesca. Na parte inferior à direita da imagem há uma mulher com os braços na cintura, num gesto de desafio, inclinada para a frente para ver melhor. A imensa multidão lotou todos os espaços da sala imponente, inclusive o balcão das bandeiras, e a perspectiva do desenho ilustra bem a magnitude do acontecimento. Braços estendidos, chapéus abanando, tumulto e demonstração de força: a sans-culotterie estava celebrando a última e efêmera vitória do movimento popular na Revolução.

A numerosa presença das parisienses ao lado de seus companheiros atesta a consciência política das militantes, que aprenderam desde outubro de 1789 a dirigir-se às mais altas instâncias do poder. Ao mesmo tempo, a experiência da revolta de Prairial marcou fortemente a visão das autoridades masculinas, que associaram as mulheres à violência das insurreições, ao descontrole, e à multidão desenfreada<sup>88</sup>. Essa foi a última intervenção feminina na política nacional até meados do século XIX: os decretos de 20 e 23 de maio de 1795 proibiram a presença de mulheres nas galerias, e nas ruas em ajuntamentos (*atroupements*) de mais de cinco.

---

<sup>88</sup> LANDES, Joan, **Imaging the French Revolution**, <http://chnm.gmu.edu/revolution/imaging/essays/landes2.html>



A seguir apresentarei duas imagens de militância feminina em clubes políticos, na visão de dois artistas: Lesueur e Chérieux.



Figura 29 . **Clube patriótico de mulheres**<sup>89</sup> Aquarela de Lesueur, Musée Carnavalet

**Mulheres bem patriotas tinham formado um clube no qual não eram admitidas outras; elas tinham sua Presidente e Secretárias; reuniam-se duas vezes por semana, a Presidente fazia a leitura das sessões da Convenção Nacional, e elas aprovavam ou criticavam os decretos; essas senhoras, animadas pelo zelo da beneficência faziam uma coleta entre elas que era distribuída às famílias dos bons patriotas que precisavam de auxílio.**

Vemos aqui a sessão de um clube político, onde as mulheres praticam a cidadania. A legenda explica que tratava-se de uma organização formal, com presidente, secretárias, e provavelmente atas das reuniões. Os objetivos da associação eram a benemerência e a instrução política. A presidente do clube lê um número do

<sup>89</sup> CARBONNIÈRES, Philippe de , Lesueur – Gouaches Révolutionnaires – Collections du Musée Carnavalet, Paris, Paris-Musées, 2005 fig. No. 16, p. 97.

jornal *Moniteur*, fundado por Panckouke em 24 de novembro de 1789, que publicava as sessões da Assembléia Nacional, suas leis e decretos. Os membros do clube ouvem em silêncio antes de se pronunciar. A imagem mostra uma reunião bem organizada; as participantes são tranqüilas, bem compostas, e a única que se levantou, o fez para doar dinheiro. O único sinal de desordem na sala é a sineta quebrada no chão, aos pés da presidente, o que não combina com o clima ordeiro da sessão. Talvez Lesueur tenha considerado a imagem perfeita demais, em se tratando de mulheres, e acrescentou um toque de desalinho à cena. Carbonnières acha que o detalhe sugere a impossibilidade de "ordem num galinheiro", ou o artista se curvou à misoginia dos contemporâneos<sup>90</sup>. Se compararmos o aspecto destas personagens com o das mulheres da **fig. 24 - A Versalhes**, estas não parecem pertencer à *sans-culotterie*, mas sim à pequena burguesia: são roupas mais elaboradas, toucas com fitas, duas usam chapéus de aba larga. Mas a principal diferença é a atitude reservada, gestos contidos, três estão de braços cruzados – e o silêncio. Contudo, o interesse patriótico é grande, uma delas usa fita com as cores nacionais, o grupo coleta dinheiro para os "patriotas necessitados" e elas se reúnem duas vezes por semana, o que denota engajamento pela causa.

Lesueur apresenta uma imagem favorável das mulheres, elas não são ridículas, nem descabeladas, nem histéricas. Enfim, eis aí o modelo de cidadania que se esperava das mulheres, ocupadas principalmente com atividades beneficentes, apoiando o esforço dos patriotas à distância. Sua ação política está limitada à leitura e discussão das deliberações da Convenção. É a "cidadania filantrópica".

O próximo desenho, *Clube das mulheres patriotas numa igreja*, (**fig. 31**) mostra uma concepção oposta à de Lesueur. Encontrei a mesma figura em duas obras diferentes: em Joan Landes<sup>91</sup>, que a atribui a Chérieux (Biblioteca Nacional da França) e Catherine Marand-Fouquet<sup>92</sup>, "Uma igreja invadida por mulheres", que a apresenta como aquarela anônima, cortesia do Museu Carnavalet.

<sup>90</sup> CARBONNIÈRES, Philippe de, **Lesueur – Gouaches Révolutionnaires – Collections du Musée Carnavalet**, Paris, Paris-Musées, 2005, pp. 98-99.

<sup>91</sup> LANDES, Joan B., **Visualizing the Nation - Gender Representation and Revolution in Eighteenth-Century France**, Ithaca, Cornell University Press, 2001, p. 114.

<sup>92</sup> MARAND-FOUQUET, Catherine, **La femme au temps de La Révolution** – Paris, Éditions Stock/Laurence Pernoud, 1989, fig. 21 no caderno de imagens e p. 410.

*Haranguer à la tribune, s'emparer d'une église, réduire les hommes au rôle de spectateurs passifs, triple bravade que stigmatise cette caricature. Paroles de femmes ? Un vrai moulin, suggère le tourbillon des bras populaires.*



Figura 30- Chérieux, **Clube das mulheres patriotas numa igreja**<sup>93</sup>. Circa 1793, cortesia da Biblioteca Nacional da França.

Esta assembléia de um clube político feminino poderia ser a da Sociedade das Republicanas Revolucionárias, pois elas se reuniam na Igreja de Santo Eustáquio em Paris à época de sua dissolução, em outubro de 1793. Há uma coincidência de datas e de natureza de fórum – templo religioso – porém não existem outros elementos que permitam afirmá-lo. Não obstante, é possível que o propósito do desenho seja justificar o fechamento das sociedades políticas femininas, apontando todos os supostos defeitos das ativistas, como a "exaltação funesta aos negócios públicos" e a "incapacidade feminina para pensamentos profundos", como disse Amar em seu relatório (vide anexo D). O clima nesta cena é de desordem e gritaria geral entre as mulheres, e silêncio e austeridade entre os homens que assistem à reunião. Em comparação com as moças bem comportadas de Lesueur (*fig. 30*), estas personagens

<sup>93</sup>LANDES, Joan B., **Visualizing the Nation - Gender Representation and Revolution in Eighteenth-Century France**, Ithaca, Cornell University Press, 2001, p. 114

são indisciplinadas, extremas e descontroladas. Mulheres lendo, escrevendo e falando na tribuna são subversivas da hierarquia sexual, pois tais atividades competem ao sexo masculino. À esquerda vemos a presidente da sessão tentando organizar os trabalhos e pedindo - em vão - silêncio com a sineta. Falta-lhe autoridade moral, pois ela mesma é exemplo de desordem, com os seios à mostra. Duas oradoras competem pela atenção dos espectadores, uma no púlpito e outra logo abaixo, falando com teatralidade. No centro e atrás do recinto principal, todas as mulheres falam e gesticulam ao mesmo tempo, e ninguém ouve ninguém. A mulher de touca, que puxa a saia da oradora exaltada à direita, parece um homem disfarçado, acrescentando mais um toque farsesco à situação. Estas mulheres são grotescas fisicamente porque "saem de seu sexo", contrariam a natureza feminina que não foi feita para o debate político e sim para o lar e os filhos. Elas são pretensiosas tentando desempenhar tarefas acima de sua capacidade. A exposição na cena pública desencaminha as mulheres, elas perdem "as virtudes de seu sexo" – são megeras e prostitutas, e finalmente remetem aos estereótipos das bruxas. Seu simulacro de patriotismo é simbolizado pela bandeira da liberdade, a qual tem na ponta um barrete frígio, que é prerrogativa masculina. Elas querem agir como políticos, mas não percebem que caem no ridículo e no deboche.

Os homens observam a balbúrdia com circunspeção, e um ar sombrio de reprovação. Ao contrário das mulheres, eles são austeros e silenciosos, e entre eles há um soldado ferido (ao centro), testemunhando seu devotamento à Pátria. Esses espectadores encarnam a seriedade, a moderação, e a sabedoria dos patriotas aptos a cuidar dos rumos da nação.

Esta representação de uma sessão de clube político feminino é excessiva e maldosa em todos os aspectos. Não combina com os regulamentos, os discursos e a atuação dos membros de tais associações. Mas traduz bem o pesadelo masculino da mulher na esfera pública.

A seguir veremos três exemplos do mito das tricoteiras, que teve origem na presença de mulheres que costuravam nas tribunas enquanto acompanhavam os debates políticos. Mais tarde essas ativistas foram associadas às "fúrias da guilhotina".





Figura – 31 As tricoteiras jacobinas ou de Robespierre<sup>94</sup> - Lesueur – Carnavalet

"As tricoteiras Jacobinas ou de Robespierre. Elas eram numerosas, e recebiam 40 sous por dia para ir às tribunas dos Jacobinos aplaudir as moções revolucionárias. Ano 2".

<sup>94</sup> CARBONNIÈRES, Philippe de , Lesueur – Gouaches Révolutionnaires – Collections du Musée Carnavalet, Paris, Paris-Musées, 2005 p. 48



Este trabalho é um exemplo das raras vezes em que Lesueur apresenta as mulheres numa luz desfavorável. A aquarela foi pintada depois do Ano II, quando começou a surgir a alcunha "tricoteiras" com sentido negativo. O texto é termidoriano, posterior ao movimento popular e crítico a ele. A legenda explica que elas freqüentavam as tribunas do clube dos Jacobinos para aplaudir as moções revolucionárias, e recebiam um pagamento para isso: eram venais, cobravam pelo seu apoio. As três mulheres tricotam, mas na verdade estavam muito mais interessadas nos debates do que em seu trabalho, que seria apenas um disfarce feminino de seu gosto masculino pela política. Da esquerda para a direita, à medida em que as personagens vão virando o rosto para prestar atenção aos discursos, tornam-se mais perversas e grotescas. A mulher em pé abandonou completamente o tricô e expressa sua maldade no rosto caricato e mãos na cintura. É verdade que essas mulheres se ocupavam com trabalhos manuais enquanto ouviam os debates, não tinham tempo a perder. Nos clubes femininos ou nas tribunas, a maioria das militantes fazia uniformes para os combatentes franceses, ajudando no esforço de guerra. As parcas maléficas de Lesueur tricotavam meias de lã, seguramente para os soldados. Mas, Godineau descobriu nos documentos que eram raras as que tricotavam. Em geral costuravam roupas ou faziam gaze (*charpie*) para os soldados feridos. Algumas nem tinham motivação política: uma confessou que assistia às sessões dos Jacobinos para economizar lenha e velas em casa<sup>95</sup>. Nota-se uma associação entre a feiúra do corpo e da alma na "diabolização" das ativistas políticas. A tricoteira de pé é a mais malvada e a mais feia, porque era a menos interessada no tricô e a mais atraída pela discussão política. Referindo-se às militantes, o jornalista Gorsas disse em 29 de maio de 1793, no auge da luta dos Montanhesees contra Girondinos: "se pelo menos essas mulheres fossem bonitas, mas não passam de cabeças de Medusa cujo aspecto petrifica". Os retratos de Théroigne de Méricourt, Olympe de Gouges, e Claire Lacombe que ficaram para a posteridade desmentem aquela declaração<sup>96</sup>.

<sup>95</sup> citado por GODINEAU, Dominique IN <http://revolution-francaise.net/2008/04/01/223-tricoteuse-formation-mythe-contre-revolutionnaire> acessado em 11/5/2009, p. 5.

<sup>96</sup> CARBONNIÈRES, Philippe de, **Lesueur – Gouaches Révolutionnaires – Collections du Musée Carnavalet**, Paris, Paris-Musées, 2005, p. 195.

No seu dicionário redigido em 1795, entre a revolta de Germinal e a de Prarial, Reinhardt<sup>97</sup> emprega várias palavras para designar as militantes : sem saias (verbetes Agitadoras), megeras (verbetes Fúrias da guilhotina) , harpias<sup>98</sup> fêmeas (verbetes Jacobinas) e no **Suplemento** ao dicionário, acrescentado em fim de 1795 e início de 1796 surge o novo termo no vocabulário político: "tricoteiras", que eram "devotas de Robespierre - postadas nas tribunas, elas influenciavam com suas vozes roucas os legisladores reunidos". Reinhardt insiste em que as tricoteiras nas tribunas da Convenção perturbavam as sessões com seus aplausos ou gritos ferozes.

Com o tempo, as tricoteiras foram sendo associadas ao público feminino que assistia às execuções na guilhotina<sup>99</sup>. No imaginário político, elas passaram da militância nas tribunas ao pé do cadafalso, onde observavam as decapitações impassíveis, tricotando. Era o que acontecia à mulher que saía da domesticidade: ficava cruel e supostamente deleitava-se com o espetáculo da violência e do sangue. Tricotar havia se transformado em tarefa macabra. A assimilação da *tricoteira* à *fúria da guilhotina* ocorreu quando o movimento popular estava em declínio e não havia mais quem defendesse as ativistas. As tricoteiras se transformaram em parcas modernas e em mito contra-revolucionário.

---

<sup>97</sup> REINHARDT, autor do dicionário **Néologiste français ou vocabulaire portatif des mots les plus nouveaux de la langue française**, obra hostil ao movimento popular, citado por GODINEAU, Dominique no endereço internet da nota de rodapé 95.

<sup>98</sup> As 3 Harpias eram monstros da mitologia grega: Escuridão, Tempestade e Rapidez. Tinham cara de velha, corpo de abutre, unhas curvas e mamas caídas. Na Arte os vícios são personificados pelas Harpias.

<sup>99</sup> citado por GODINEAU, Dominique IN <http://revolution-francaise.net/2008/04/01/223-tricoteuse-formation-mythe-contre-revolutiionnaire> acessado em 11/5/2009.



Figura - 32 **As tricoteiras da guilhotina nos degraus da Igreja de Saint-Roch no dia 16 de outubro de 1793**<sup>100</sup> Gravura de Henri Baron, realizada cerca de 1850.

<sup>100</sup> CARBONNIER, Annelise, TOULET, Michel, LECAT, Jean-Michel, **La longue marche des femmes – 1789-1920 – des citoyennes aux suffragistes** – Paris, Ed. Phébus, 2008 p. 43.

Esta é a única imagem do presente estudo que não data do período revolucionário. Chamou-me a atenção porque é um exemplo do imaginário político do século XIX em relação às tricoteiras e à Revolução. A aquarela de Lesueur reflete o nascimento do mito termidoriano, ainda ligado às frequentadoras das assembléias. Esta gravura de 1850 mostra a transformação das militantes em "lambedoras da guilhotina". Em meados do século, a demonização das ativistas políticas da Revolução havia chegado ao auge.

As tricoteiras aqui têm expressões sinistras que remetem às imagens de bruxas. Elas são as transgressoras por excelência, destruidoras odiosas da ordem social. A de vestido verde está armada com uma pique e um punhal, que o corpo da outra oculta. Parece que está se preparando para apunhalar alguém: Maria Antonieta que ia passando na carroça dos condenados? A data da legenda é a da execução da Rainha. Estariam elas se dirigindo para a fatídica guilhotina? Pela posição retorcida, a mulher de verde tem as costas curvas e arrasta uma perna, características atribuídas ao corpo das bruxas. Com o semblante carregado, a tricoteira ao centro também parece esconder alguma arma com a mão direita embaixo do casaco. A dissimulação serve aos seus desígnios criminosos. Está usando o barrete da Liberdade com uma cocarda, indicação de que era republicana. No sexo feminino, o gorro só era visto nas cabeças das deusas alegóricas. O uso do barrete era prerrogativa masculina durante a Revolução, e as ativistas que o usaram no ano II causaram uma enorme celeuma. A bruxa exibe sua pique com a arrogância de quem sabe usá-la. A jovem é a única que tem uma fisionomia tranqüila, alheia ao cortejo e à multidão na rua. Suas mãos não escondem nada, não é dissimulada como as outras. Por enquanto é inocente e não tem planos malévolos. De olhos baixos, parece ouvir uma reprimenda da bruxa de roupa verde. Mas atenção: ela é uma tricoteira em potencial, e já está aprendendo com as mais velhas. A indicação da maldade futura é o barrete da Liberdade na cabeça, símbolo apropriado pelas militantes revolucionárias para anunciar seu engajamento político. Com o tempo, as idéias republicanas hão de corromper a jovem aprendiz. A atuação política e a adesão à República transformam as mulheres em seres anti-naturais, violentos e execráveis como as bruxas tricoteiras desta pintura.



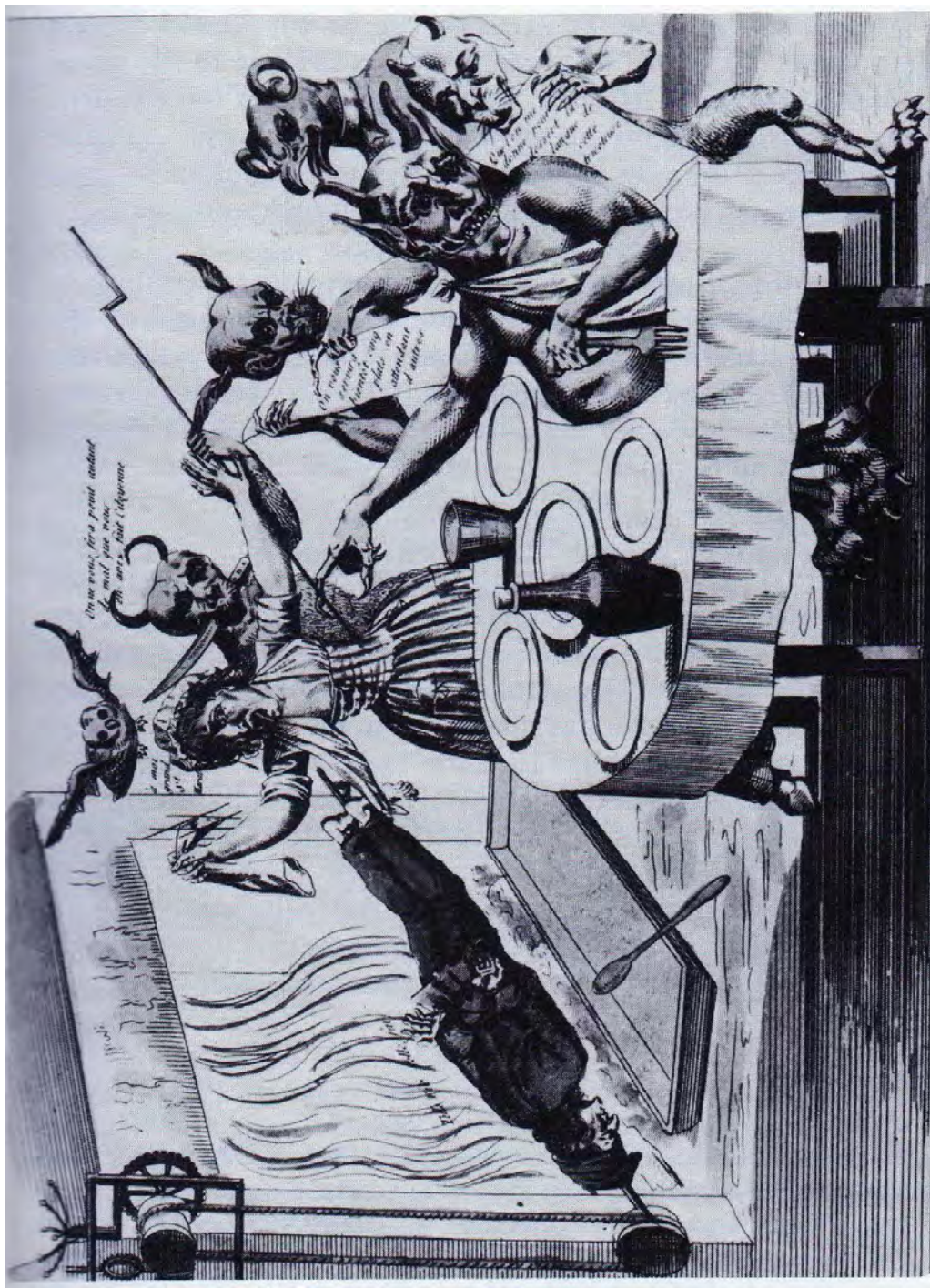


FIG. 2. "Le souper du Diable." Gravure anonyme. Musée Carnavalet. Agence photographique Edimedia.  
 This anonymous and satirical picture (about 1795 or 1796) reflects the importance of women's words in the popular movement: the Devil is saying that he wants to eat "the tongue of this *tricoteuse*" for dessert.

Figura – 33 **O jantar do Diabo.** Gravura anônima. Museu Carnavalet.<sup>101</sup>  
 Circa 1795 ou 1796.

A datação provável deste desenho anônimo e satírico coincide com o período do enfraquecimento e derrota do movimento popular em Paris, em Prairial, ano III (20 de maio de 1795). A figura mostra o Diabo se preparando para jantar os *sans-culottes*,

<sup>101</sup> APPLEWHITE, Harriet B. & LEVY Darline G. (edited by) **Women & Politics in the Age of the Democratic Revolution**, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1993, p. . 77.



um dos quais já está assando no espeto, e anuncia que quer comer a língua da tricoteira como sobremesa. A cena reflete a importância das palavras das mulheres no movimento popular. Mesmo no inferno, a mulher continua falando ou "vociferando", como se dizia das militantes que incitavam os homens à revolta. De todas as partes do corpo, o Demônio escolheu comer a língua, como se aquela fosse a mais culpada pelos pecados da tricoteira. Mulheres que falavam eram temíveis: criavam a desordem, os boatos, inflamavam os ouvintes, incitavam rebeliões e traziam o caos. Tinham que ser punidas, nem que fosse pelo Diabo. E a punição mais terrível era o silêncio. Os outros diabinhos estão servindo o Diabo-mor, explicam suas intenções e o cardápio do dia. Da direita para a esquerda, os dizeres são:

- a) **O Diabo-mor pede: "Que l'on me donne pour dessert la langue de cette tricoteuse" ("que me dêem de sobremesa a língua desta tricoteira")**
- b) **O diabinho orelhudo aponta para o cardápio e diz ao Chefe: "On vous servira bientôt cinq plats en attendant d'autres" ("Nós logo vos serviremos cinco pratos enquanto esperamos outros")**
- c) **O diabo com a faca na boca diz à mulher: "On ne vous fera point autant de mal que vous en avez fait, Citoyenne" (Nós não vos faremos tanto mal quanto vós fizestes, Cidadã")**
- d) **A mulher grita: "A moi, grand St. Marat".: "Ajude-me, grande São Marat").**

O Diabo vai jantar cinco pratos (sans-culottes), mas outros virão! Isso é o que espera os integrantes do movimento popular. De fato, a mesa já está posta, à espera das iguarias. Vê-se que a gravura é francesa: nem os diabos dispensam um bom vinho no jantar! Na terceira frase, o Diabo é menos terrível que a tricoteira. Ele promete que não vai lhe fazer tanto mal quanto a Cidadã fez. A classificação da vítima como Cidadã é significativa: o Diabo vai punir as ativistas pelo crime de participar da vida cívica nacional. Na opinião dele, assar alguém no espeto e arrancar sua língua é menos ruim que causar as desgraças que seu ativismo causou. Para dominar aquela mulher, ele está armado até os dentes, sabe que ela é poderosa. A vítima se defende, clama pelo grande "São Marat", e sacode na mão a meia de lã - a boa obra - que estava tricotando, idêntica à das tricoteiras de Lesueur. Mas está ficando descomposta, com o seio à mostra, como suas companheiras exaltadas da **figura 31**.

A coruja é sinal de mau agouro, mas também de sabedoria. Talvez ambos acompanhem a mulher.

Os observadores de polícia consideravam as palavras femininas perigosas. Elas eram "vetores de boatos", "línguas de comadre", "voz de peixeiras". As militantes não falavam, "vociferavam", emitiam uivos horríveis ("hurlements affreux"), guinchos ("glapissements"), gritos de furor ("cris de fureur"), latidos ("aboyements") e tinham uma veemência exagerada ("véhémence outrée"). O jornalista Prudhomme escreveu que "o gorjeio amável [das mulheres] se perdia quando atravessava a soleira da porta do lar" e se tornava "cacarejos estéreis" ("stériles caquetages"), os quais atrapalhavam as deliberações das assembléias<sup>102</sup>.

Mas o que exasperava as autoridades e os diabos da caricatura era o poder de persuasão da língua das tricoteiras. Os panfletos de Olympe de Gouges eram veementes, a eloquência de Claire Lacombe humilhava seus detratores no clube dos Jacobinos, as "bota-fogos" de Prairial levantaram o povo de Paris contra a Convenção. O som das vozes femininas incomodava, principalmente quando criticava o governo revolucionário.

---

<sup>102</sup> GODINEAU, Dominique, **Citoyennes Tricoteuses – Les femmes du peuple à Paris pendant la Révolution Française**, Paris, Editions Alinea, Perrin, 2004, pp. 345-349.



Figura 34 - **Grande debandada do exército anticonstitucional**<sup>103</sup> - 1792  
Anônimo - Biblioteca Nacional da França.

Em fevereiro de 1792, um jornal monarquista publicou a gravura acima, que capta o temor da falta de diferenciação entre os papéis sexuais entre homens e mulheres. Os dizeres da figura:

"um destacamento composto pelas mocinhas que tiveram um papel na Revolução se apresentando às tropas do Imperador da Áustria para fazê-los debandar [perder a ereção sexual], com total sucesso, o que não nos surpreende, pois vemos ali a Senhorita Théroigne mostrando sua *República*"

<sup>103</sup> HUNT, Lynn, **The Family Romance of the French Revolution**, Los Angeles, University of California Press, 1992 pp. 116-117

O exército austríaco é derrotado por mulheres proeminentes da aristocracia que apoiavam a Revolução, como "Mesdames de Staël, Condorcet e Sillery (Mme. de Genlis)". As damas politicamente moderadas aparecem ao lado da revolucionária radical de moral duvidosa Théroigne de Méricourt, que é a única a mostrar sua *Republica*, trocadilho com *res-publica* (coisa pública). As outras se contentam em exibir seus *derrières* aos soldados, num insulto carnavalesco bastante comum na França. Encontrei várias outras gravuras mostrando cenas semelhantes. Li também um relato de contra-revolucionárias católicas fazendo a mesma coisa para humilhar um Representante –em-Missão que queria obrigá-las a reverenciar o Ser Supremo<sup>104</sup>. O gesto obsceno, entretanto, só é comum nas classes populares. É claro que o cartunista queria humilhar duplamente as aristocratas retratadas, pela crítica moral, e pelo rebaixamento de nível social. A razão para isso? Independente de posição na sociedade, educação ou atividade, todas as mulheres perdem a virtude quando participam da vida política ou se expõem na esfera pública – tornam-se atrevidas, despudoradas e ameaçam os homens. Deve ser por esse motivo que estão todas juntas como "farinha do mesmo saco".

Os soldados austríacos estão em estado de choque com o espetáculo. Trata-se de um confronto da sexualidade feminina com as armas masculinas, sendo que estas foram derrotadas. Vemos um soldado com o *fez* turco na cabeça fugindo, outro deixou cair o rifle, e o comandante a cavalo está se rendendo de braços abertos. Nada pode com a sexualidade feminina usada como arma, principalmente na cena pública! Atrás das mulheres, em segundo plano, há alguns *sans-culottes* armados de *piques* com seus símbolos de masculinidade (salsichas e presuntos) pendurados nas piques. Eles estão do mesmo lado que as mulheres nessa batalha, porém também sofrem as conseqüências da desenvoltura sexual das compatriotas. Além disso, elas carregam rifles, e a troca de papéis ameaça os homens de castração. A visão das mulheres agressivas causa um *débandement* nos homens (trocadilho entre *debandada* e perda de ereção sexual) e evocam fantasmas de indiferenciação sexual e emasculação. Curioso: o desenho é classificado como contra-revolucionário, mas poderia igualmente representar outras facções políticas, pois o pesadelo das mulheres castradoras era geral. Mulheres que saem do mundo privado perdem sua feminilidade e ameaçam a sociedade.

---

<sup>104</sup> HUFTON, Olwen H., **Women and the Limits of Citizenship in the French Revolution**, Toronto, Buffalo, London, University of Toronto Press, 1992, p. 118.





Figura 35 -

A República<sup>105</sup> Museu Carnavalet, Paris.

<sup>105</sup> GUTWIRTH, Madelyn, *The Twilight of the Goddesses – Women and Representation in the French Revolutionary Era* – New Jersey, Rutgers University Press, 1992 p. 335.

Esta é uma gravura anônima contra-revolucionária, que apresenta a República como criatura repulsiva. Em vez das deusas majestosas do início da Revolução, agora vemos a figura feminina transformada em Medusa da mitologia grega, destruidora da civilização. A República é também a Discórdia<sup>106</sup> desagregadora, porque nesse regime há facções, lutas internas, traição, guerra, miséria, desgraça.

A República leva à violência feminina: o monstro está brandindo uma adaga e uma tocha de fogo, sua boca aberta vocifera como as bruxas ou militantes em jornadas populares. Seus cabelos são víboras venenosas e o olhar petrifica. Os braços se levantam para rebelar-se contra a ordem estabelecida. A República é sanguinária, destrói vidas (as caveiras e a guilhotina), a cidade (incêndio ao fundo), a religião (cruz, mitra e coroa pontifical), e a monarquia (coroa real). Ao lado da guilhotina se vê o carrasco exibindo uma cabeça ao público. É o regime político que alia o mal do mundo pagão, na figura da Medusa, ao mal do mundo cristão representado pela serpente, responsável pela expulsão do paraíso. Dessa forma, esta mulher revolucionária encarna o Mal absoluto. A República aqui é representada vitoriosa, pois está pisando sobre os antigos símbolos do poder, mas seu triunfo se celebra numa Terra arrasada. É a vitória do Mal sobre o Bem.

---

<sup>106</sup> GUTWIRTH, Madelyn, **The Twilight of the Goddesses – Women and Representation in the French Revolutionary Era** – New Jersey, Rutgers University Press, 1992, p. 337.





Figure 1.4 Women and Fish on Top. "The World Turned Upside Down."  
Anonymous French engraving, 18<sup>th</sup> Century. Bibliothèque nationale, Paris.

Fig. 36 - Loucura dos Homens - (La Folie des Hommes)<sup>107</sup>

Mulheres e Peixes em cima. "O mundo de cabeça para baixo". Gravura francesa anônima, século XVIII. Biblioteca Nacional, Paris.

<sup>107</sup> HESSE, Carla, **The Other Enlightenment- How French Women became Modern**, New Jersey, Princeton University Press, 2001, p. 23.

Os antigos fantasmas masculinos da inversão dos papéis sexuais tiveram grande peso na negação dos direitos políticos das mulheres na Revolução Francesa. Preconceitos e temores ancestrais emergiram com vigor na época revolucionária, quando se procurava criar uma sociedade regenerada e virtuosa. As velhas angústias em relação ao "mundo de cabeça para baixo" ou "mundo às avessas" são ilustradas por uma variada iconografia, desde a Renascença até o século dezoito. Muitas imagens mostram a tradicional "batalha pelas calças", onde há rivalidade explícita pelo mando doméstico. Em outras, as mulheres enganam e maltratam o marido inferiorizado. Os provérbios como "o chapéu tem que governar a touca" revelam a necessidade de manter as mulheres submissas. As tensões assim criadas "refletem o medo masculino da mulher como uma força inquietante, com poder sexual e artes de feitiçaria. Daí vem o desejo de mantê-las afastadas de todas as decisões"<sup>108</sup>. E havia o terror de grupos de mulheres reunidas comunicando-se fora de casa: "Na fonte, no moinho e na lavanderia, as mulheres contam tudo" (Provence), "Quando as mulheres voltam do riacho, querem comer os maridos vivos" (Gascogne, Provence, Limousin)<sup>109</sup>. Na Revolução, os clubes políticos femininos concentraram em si todos esses temores. Para evitar esses pesadelos, e construir uma sociedade moral, era essencial que cada sexo soubesse e cumprisse seu papel: a diferenciação entre os sexos tinha que ser mantida.

Temos aqui três imagens do mundo às avessas: na metade superior da **figura 37**, a mulher e o marido trocam de funções e atributos: ela usa o chapéu tricorne militar e ele a touca feminina – a troca de chapéus era considerada especialmente desastrosa. A mulher carrega o fuzil e o marido embala a criança nos joelhos: ela usurpa os atributos masculinos e esquece a feminilidade; ele cuida do bebê com um ar infeliz, pois é obrigado a desempenhar a função feminina por excelência. Ela se ocupa dos assuntos externos, ele dos internos, ela fica com a coragem, ele com a doçura. Ela fuma cachimbo, e ele usa o fuso de fiar, símbolo feminino e da vida doméstica. Há uma quebra da hierarquia dos sexos, do bom senso e da própria Razão. A situação configura **A loucura dos homens**, nada de bom pode advir dali. Na metade inferior da figura há o **Caçador que caça sobre o mar e o peixe voa no ar**, onde se vê

<sup>108</sup> SEGALEN, Martine, **Mari et femme dans la société paysanne**, catalogue exposition, Paris, Flammarion, 1980, p. 57 IN GUTWIRTH, Madelyn, **The Twilight of the Goddesses – Women and Representation in the French Revolutionary Era** – New Jersey, Rutgers University Press, 1992, p.110.

<sup>109</sup> idem, p. 111.



o caçador a cavalo cavalgando sobre o mar, perseguindo pássaros e mamíferos terrestres. Enquanto isso, três peixes voam no ar. Os dois homens perdem seu tempo com a inútil caçada sobre o mar, e os peixes folgam voando no céu. É um mundo caótico em que tudo está fora do lugar, onde ninguém conseguirá ser feliz. O fato de os dois desenhos estarem juntos é expressivo: cada figura explica e reforça a mensagem da outra. A troca de papéis entre homens e mulheres é tão absurda e perniciososa quanto peixes voando no ar e caçadores cavalgando no mar. Não adianta querer mudar a natureza, é preciso conservar a ordem natural do mundo para que todos sejam felizes. Não era possível inovar, achar novos caminhos para as mulheres - na política por exemplo - pois para os homens tal coisa logo resvalava para a confusão dos sexos, para a humilhação masculina e o caos.



Fig. 26. *A mulher com o mosquete, o homem com a roca*, imagem popular do século XVIII. Paris, Museu Carnavalet

Figura 37 – A mulher com mosquete, o homem com a roca <sup>110</sup> século XVIII

<sup>110</sup> DUBY, Georges e PERROT, Michelle (direção da coleção) e FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (direção do volume 4) **História das Mulheres no Ocidente, vol. 4, Do Renascimento à Idade Moderna** (trad.) Porto, Ed. Afrontamento, 1994. p. 270.

Esta gravura é uma variação das anteriores, bastante comuns na época. Todas eram muito parecidas e toscas do ponto de vista artístico. O importante era apontar o perigo da "loucura dos homens" para preservar a supremacia masculina na família, melhor garantia de boa ordem na sociedade.

O que primeiro me chamou a atenção na iconografia do período revolucionário foi a visibilidade das mulheres no espaço público, ao contrário do que ocorria anteriormente. As mães, as militantes e as mulheres-soldados povoaram o universo visual daquele momento. Sem dúvida, o cataclisma da Revolução criou circunstâncias que favoreceram a emergência das mulheres na cena política, mas além disso, a nova produção arquivística da época nos permite encontrar seus vestígios<sup>111</sup>. A pequena amostragem de imagens incluídas neste estudo, já nos permite perceber como, num tempo de redefinição política, social e cultural da sociedade francesa, as representações femininas concorreram para a construção de um novo paradigma nas relações entre homens e mulheres.

Outro ponto relevante é que em grande parte, e talvez a totalidade das imagens aqui utilizadas sejam criação de artistas masculinos. Entre as trinta e sete figuras, há vinte e uma de pintores e desenhistas identificados, cinco obras onde constam apenas os nomes dos gravadores (*chez Basset, chez Denis etc.*) e onze desenhos anônimos. Mesmo no caso improvável de a metade dos anônimos e dos desconhecidos cujas obras foram reproduzidas pelos gravadores serem de autoria feminina, haveria apenas oito ou nove trabalhos de artistas mulheres, comparados com vinte e um de artistas masculinos conhecidos, mais a metade das obras dos pintores desconhecidos, ou seja, por volta de vinte e nove obras masculinas: 29 vs. 8. Com base nesta constatação numérica, o que temos aqui é a visão masculina dos comportamentos femininos na esfera pública e privada.

---

<sup>111</sup> LAPIED, Martine, « La visibilité des femmes dans la Révolution française » IN LAPIED, Martine e PEYRARD Christine (direction) Préface VOVELLE, Michel, **La Révolution Française au Carrefour des Recherches**, Aix-en Provence, Publications de l'Université de Provence, 2003, pp. 303-304.

As razões pela menor produção das artistas fogem ao âmbito desta dissertação, porém quero assinalar que a maioria das mulheres artistas eram gravadoras e não pintoras. Se no início da Revolução o sentimento igualitário permitiu que elas tivessem maior participação nas artes, já em 1793 estava claro que persistia a antiga exclusão feminina das melhores escolas de arte e dos gêneros artísticos considerados mais elevados <sup>112</sup>. Estas imagens nos mostraram como a mulher substituiu o Rei na simbologia da nação e passou a representar as virtudes cívicas e morais. A maternidade adquiriu tons heróicos - algumas jovens se tornaram exemplos de coragem, como a "Heroína de Milhier" e a filha que morre salvando o pai. As mulheres soldados são apresentadas com simpatia, mas a característica que sobressai nelas é a virtude feminina: uma é elegante e exibe seu uniforme sofisticado, outra é mãe de dois filhos e ainda assim, luta pela pátria, e a terceira é ativa, determinada – a mulher livre – mas não deixa de ter uma graça feminina. Dessa forma, na maioria das representações de mulheres no espaço público, elas são homenageadas por qualidades que pertencem à esfera privada, como a doçura e o devotamento ao próximo.

As caricaturas oferecem exemplos opostos: quando a mulher atua no espaço público se transforma em criatura ridícula, na melhor das hipóteses, ou perversa, deixa de ser humana e se transforma em monstro, e nesse caso, não faz diferença se são republicanas ou monarquistas, radicais ou conservadoras. As últimas caricaturas da série, virulentas na satirização das mulheres, são anônimas. Já as cenas de militância, como na série da Marcha a Versalhes, são carregadas de ambiguidades: se por um lado celebram as heroínas de outubro, fazem a elas uma crítica subliminar pela audácia de "usurparem" o lugar dos homens organizando o levante, montando nos canhões, e "deliberando" na Assembléia Nacional. As imagens tiveram o mérito, entretanto, de dar visibilidade à participação política feminina. As ativistas só seriam aceitas por tempo e circunstâncias limitadas, pois ameaçavam a estabilidade da República e geravam angústias masculinas. Esta iconografia, ao glorificar certos tipos ou ideais femininos e repudiar outros, certamente contribuiu para criar novos modelos de comportamento na sociedade.

---

<sup>112</sup> LANDES, Joan B., **Visualizing the Nation - Gender Representation and Revolution in Eighteenth-Century France**, Ithaca, Cornell University Press, 2001, p. 14.

## **CONCLUSÃO**



Como vimos na dissertação, a participação política das mulheres das classes populares, nos seis primeiros anos da Revolução, foi um fenômeno que admirou os contemporâneos. As cidadãs francesas levaram o título a sério, e fizeram ato de cidadania. O fato não é corriqueiro nem ponto pacífico – ao contrário, em nenhum outro lugar da Europa, as mulheres participaram da vida nacional de forma tão intensa e maciça na mesma época<sup>113</sup>. O presente trabalho estudou as aspirações, práticas políticas, e representações iconográficas femininas, assim como as repercussões que estas tiveram na sociedade revolucionária. A iconografia, especialmente, me ajudou a compreender melhor em que medida as representações visuais femininas refletiram a realidade ou difundiram imagens idealizadas da mulher para incutir novos valores familiares, sociais e políticos na sociedade francesa.

Seguindo a linha de Godineau e Hunt, pautei-me pelo "discurso da abertura", que valoriza a atuação das cidadãs na cena pública, para descobrir como as mulheres das classes populares puderam ter uma participação tão relevante na vida cívica revolucionária. Quanto à questão dos direitos políticos femininos, procurei demonstrar que a atuação vigorosa das ativistas, em várias frentes, obrigou o Comitê de Segurança Pública a se pronunciar a esse respeito. Apesar da recusa peremptória das prerrogativas da cidadania, o fato de a negação vir acompanhada de justificativas políticas e morais atesta a importância política da militância feminina. É preciso considerar que, no fim do século dezoito, era evidente para a maioria das pessoas que as mulheres não podiam tomar parte dos assuntos da cidade<sup>114</sup>. Em outras palavras, as mulheres não foram apenas vítimas indefesas da misoginia da Revolução, mas protagonistas conscientes de seu papel político.

Por outro lado, as famílias e as mulheres se beneficiaram de uma legislação civil avançada, que secularizou o casamento e estabeleceu o divórcio por consentimento

---

<sup>113</sup> APPLEWHITE, Harriet B. & LEVY Darline G. "Responses to the Political Activism of Women of the People in Revolutionary Paris, 1789-1793. IN **Women and the Structure of Society** – Selected research from the fifth Berkshire Conference on the History of Women., edited by Barbara J. Harris and Jo Ann K. McNamara. Duke Press Policy Studies, 1984, pp. 230-231.

<sup>114</sup> GODINEAU, Dominique, **Citoyennes Tricoteuses – Les femmes du peuple à Paris pendant la Révolution Française**, Paris, Editions Alinea, Perrin, 2004, p. 112.

mútuo em 1792<sup>115</sup>. As novas leis eram de uma modernidade surpreendente para a época, mas a partir do governo termidoriano, e principalmente do Código Civil (1804), as vozes contrárias conseguiram dificultar o rompimento do casamento, até a revogação do divórcio em 1816, época da Restauração. Para se ter uma idéia do retrocesso, em Lyon houve oitenta e sete divórcios por ano entre 1792 e 1804, e apenas sete entre 1805 e 1816<sup>116</sup>. Dentro do espírito de justiça e igualdade na família, as leis civis limitaram o poder paterno, principalmente em casos de deserdamento, decretaram o fim da primogenitura nas heranças, e possibilitaram o advento de uma nova personalidade jurídica da mulher, como sujeito civil plenamente capaz de se governar. As mulheres agora podiam recorrer aos tribunais contra partilhas injustas de herança – e fizeram uso de tal prerrogativa. As leis civis promoveram a autonomia feminina, de forma que algumas mulheres se sentiram capazes de dar o próximo passo: a participação na vida nacional.

A mulher, porém, era objeto da legislação, mas não sujeito; adquiriu direitos civis mas não cívicos<sup>117</sup>. Toda a discussão dos direitos de cidade das mulheres está permeada pelo discurso Jacobino da moralização dos costumes na nova sociedade republicana, baseada na transparência, cumprimento do dever, e espírito público. Para o êxito da reforma política, era mister transformar a família, onde a devoção das esposas e mães formavam a moral e os bons costumes das futuras gerações. Os líderes revolucionários eram herdeiros das idéias iluministas sobre a "regeneração do homem" baseada em novos valores pessoais, sociais e políticos. Em larga medida, seguiram o pensamento de Jean-Jacques Rousseau acerca do papéis femininos e masculinos no contexto familiar e social, em tudo opostos aos costumes percebidos da aristocracia no Antigo Regime. Embora não seja tão citado nesse terreno quanto Rousseau, Denis Diderot foi igualmente um defensor intransigente da retidão moral, da fidelidade absoluta e da dedicação mútua dos cônjuges no casamento como condição da respeitabilidade e felicidade pessoais. Não posso deixar de mencionar a

---

<sup>115</sup> A França teve que esperar até 1975 por uma legislação de divórcio tão liberal quanto a de 1792, informação IN ROSA, Annette, **Citoyennes**, Paris, Messidor, 1988, p. 126.

<sup>116</sup> HUNT, Lynn, "Revolução Francesa e Vida Privada" IN PERROT, Michelle, - org. **História da Vida Privada vol., 4 – Da Revolução à primeira guerra** - Cia. das Letras, S. Paulo, 2006, p.39.

<sup>117</sup> GUIBERT-SLEDZIEWSKI, Elizabeth, "La femme, objet de la Révolution », Síntese de duas comunicações feitas na Assembléia da Société des Études Robespierriestes, em junho 1984, e no Collège International de Philosophie, seminário "Formes du féminisme historique", G. Fraisse, em abril de 1986.

bela carta que ele escreveu em 1772 à filha recém casada, e que me parece um guia de comportamento da mulher casada (ver Anexo B). Trata-se de um testemunho precioso do modo de pensar e agir da burguesia do fim do século dezoito, classe que subiu ao poder com a Revolução, e, vitoriosa, impôs seus valores e sua visão de mundo à sociedade francesa.

Vejamos alguns trechos mais significativos do documento: "Em vos concedendo a Caroillon [o genro], transmiti a ele toda a minha autoridade (...) Até há pouco eu mandava e vosso dever era me obedecer (...)" O pai tem um poder abrangente e inquestionável, e a filha passa do poder pátrio para o do marido, que detém legalmente a supremacia marital (*puissance marital*). Nas relações com o marido, Diderot aconselha: "Procurai não pensar nada que não possais dizer-lhe (...) não façais nada do qual ele [o marido] não possa ser testemunha". É o ideal republicano da transparência mais absoluta, da honestidade completa entre o casal, que mais tarde os revolucionários acreditavam se aplicariam também às relações sociais em geral. "Uma mulher que mantém uma postura decente de moça se respeita e se faz respeitar" Diderot considera que: "Temos o direito de julgar as mulheres pela aparência". É importante agir de modo a nunca levantar suspeitas de má conduta: "é uma grande infelicidade perder a consideração ligada à prática da virtude (...)". "Restrinja bem seu círculo de amizades, onde há muita gente, há muitos vícios" Vemos aqui a grande preocupação com o patrimônio moral da mulher, sua boa reputação, cuja perda seria tamanha vergonha que acarretaria a perda da estima do pai. Diderot era um pai amoroso, até obsessivo, a ponto de desejar manter o vínculo da aprovação moral com a filha casada, a qual deveria se perguntar antes de agir: "o que meu pai pensaria de mim se me visse, se me ouvisse, se soubesse?" Recomenda à filha amar e aceitar os gostos do marido, ser doce e alegre para que ele tivesse prazer em estar em casa. Sabiamente, insiste na discrição absoluta: os carinhos entre os esposos devem ficar restritos à privacidade do lar para evitar o ridículo, e os assuntos da família não devem ser revelados a ninguém: "os sucessos provocam inveja, e as infelicidades ensejam uma falsa piedade". Deveria haver uma cortina de mistério em volta da família, para evitar a malevolência alheia. Durante a Revolução houve uma invasão dessa privacidade, que no entanto foi recuperada *con gusto* no século seguinte, era da primazia masculina e burguesa na França. As atribuições de cada cônjuge são claramente demarcadas: "os negócios externos [à casa] são do marido; os assuntos

internos são da esposa". Nada de embaralhar funções, pensar em direitos iguais, assumir atividades femininas fora do lar, nem administrar conjuntamente os bens do casal, como quiseram alguns revolucionários mais liberais como Desmoulins e Danton (ver Capítulo 1, Leis de família). O único meio pelo qual a filha poderia se distinguir era a cultura, e o pai aconselhou-a a continuar estudando: "aperfeiçoe seu espírito com a leitura". Apesar de ter dito que não tinha mais autoridade sobre a filha, ordenou que ela lesse sua carta uma vez por mês e, num toque freudiano, cedeu à tentação da comparação com o genro Carouillon.

Grande número de homens e mulheres, de várias vertentes políticas, concordava em linhas gerais com esse código de conduta. Os líderes da Revolução, majoritariamente provenientes da classe média educada, fizeram dos valores familiares defendidos por Diderot a bandeira da regeneração moral republicana. O quadro se completa com a exaltação rousseauiana da maternidade e do aleitamento maternos, que antes pertenciam à vida privada, mas na nova ordem revolucionária adquiriram uma dimensão cívica.

O comportamento modelar proposto por Diderot e Rousseau entretanto, só era viável entre as mulheres das classes mais favorecidas, que podiam abraçar o ideal da domesticidade pois não precisavam trabalhar. Já as *sans-culottes* tinham que ganhar o seu sustento: eram vendedoras ambulantes, lavadeiras, operárias em moda, tinham barraca no mercado, entre outras profissões. Algumas podiam trabalhar em casa, como as costureiras, mas não era a regra. Além disso, essas mulheres eram gregárias, seu espaço de sociabilidade era a rua. Era melhor sair para encontrar as vizinhas do bairro do que ficar em seus apartamentos não raro frios e exíguos. Dessa forma, a idéia de ficar em casa para proteger a reputação das intrigas não se aplicava a elas. Desse ponto de vista, as mulheres do povo tinham mais liberdade e autonomia que as jovens senhoras da burguesia. Isto não quer dizer que estas não tenham se engajado na Revolução. Muitas o fizeram, como Madame Roland, encontrando seus próprios caminhos. As razões expostas são exemplo dos obstáculos à participação política das mulheres. Às tradições sociais e políticas, acrescentava-se ainda o impedimento legal: durante a Revolução, as mulheres não acederam formalmente à cidadania e por conseguinte não podiam exercer direitos políticos como o voto e o porte de armas. Vejamos quais eram as definições de "cidadão" no fim do século XVIII.



Diderot definiu a palavra "cidadão" na **Encyclopédie (1751-1780)** como "substantivo masculino" e explica que " O título só é concedido às mulheres, às crianças pequenas e criados domésticos por serem membros da família do cidadão propriamente dito, mas eles não são verdadeiramente cidadãos". A mulher usava o título como esposa do cidadão, mas no dicionário a palavra não existia no feminino, a não ser no sentido de habitante de uma cidade, como no **Dictionnaire de l' Académie française** (1778 e 1786). Tanto Robinet em seu **Dictionnaire universel des sciences morales, économiques, politiques ou diplomatiques (1777-1783)**, como Diderot consideram que "o Cidadão é um sujeito livre". As mulheres seriam sujeitos membros do corpo social mas não do corpo político. Para Rousseau e d'Alembert, a "cidadã" é uma mulher capaz de sentimentos cívicos. Durante a Revolução, a palavra "cidadão" evocava direitos, como vemos no **Dictionnaire de la Constitution et du gouvernement français**, de Gautier (1791): "Cidadão: homem livre na sociedade (...) o homem que não é cidadão é escravo (...) os franceses não eram cidadãos antes da Revolução, que lhes devolveu o exercício de seus direitos naturais" <sup>118</sup>.

Considerando a situação ambígua das francesas, de cidadãs sem cidadania verdadeira, esta dissertação estudou o sentido do engajamento político das ativistas e os meios e práticas por elas utilizados para participar do processo revolucionário de 1789 a 1795. Como foi possível a participação de tantas mulheres nas manifestações, jornadas, assembléias e clubes populares? Em primeiro lugar, elas se inflamaram com os ideais revolucionários e se revestiram de dignidade patriótica, além do sentimento de inclusão na nação, solenemente garantido pela **Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão** (ver Anexo C). Para muitas, o principal motivo do engajamento foi a questão de subsistência, enquanto outras tiveram uma participação efetiva na vida política nacional, e se preocuparam com os direitos à cidadania<sup>119</sup>. Achavam que a neutralidade diante das circunstâncias era vergonhosa e, assim sendo, tinham o direito e o dever de intervir. Nos primeiros meses da Revolução, principalmente à época da

---

<sup>118</sup> Todas as definições de cidadão /cidadã deste parágrafo estão IN GODINEAU, Dominique, "Autour du mot citoyenne", *Mots. Les Langages du politique*, Année 1988, vol. 16, no. 1, pp. 91-110. <http://www.persee.fr>

<sup>119</sup> Ver definição de militantes no subtítulo "As militantes" no ítem "A conscientização política" do Capítulo 1.

Marcha para Versalhes, as ativistas começaram a partilhar da noção incipiente de que as classes populares eram depositárias da verdade revolucionária<sup>120</sup>.

Em segundo lugar, as antigas tradições de sociabilidade feminina nos bairros populares, a experiência das procissões religiosas organizadas, a efervescência política da época dos Estados Gerais ajudam a explicar a conscientização política das mulheres do povo desde o início da Revolução. Mas elas souberam aliar tradições, tais como as rebeliões contra a escassez alimentar, às modernas marchas de reivindicações, o direito à petição e a participação nas associações populares. Através de um leque variado de práticas, discutidas no Capítulo 1, elas souberam ocupar os espaços e aproveitar as oportunidades de atuação política surgidas na Revolução. Apropriavam-se de práticas masculinas como o juramento à Constituição de 1793, arvoravam-se em fiscais do povo nas "taxações forçadas" contra supostos açambarcadores, controlavam os eleitos com sua presença nas tribunas das assembléias e ajudaram os Montanheses a expulsar os Girondinos da Convenção. Agiam como se suas ações fossem direitos adquiridos por pertencerem ao Povo Soberano (*le Souverain*). Poucas reclamaram igualdade de direitos políticos, mas se suas práticas fossem questionadas, justificavam-nas com os princípios revolucionários da Liberdade e Igualdade que, em tese, facultavam a todos os cidadãos e cidadãs a oportunidade de concorrer à felicidade da nação. Nas circunstâncias fluidas da Revolução, as mulheres tomavam iniciativas audaciosas, experimentavam caminhos novos, "inventavam com os pés".

Fundaram clubes políticos exclusivamente femininos porque julgaram que dessa maneira teriam mais autonomia e mais força para se fazer ouvir junto às autoridades, e para construir redes de apoio com as Seções e sociedades populares. De fato, os clubes femininos favoreceram a autonomia das militantes e lhes deram visibilidade política. Organizadas, trabalhando junto com outros clubes populares, podiam pressionar o governo com maior eficácia. A idéia inovadora se propagou pela França, e impressiona o número de associações femininas - sessenta - espalhadas pelo mapa da França (ver "clubes Femininos nas Províncias" no Capítulo 1). O principal clube político feminino foi o de Paris, a Sociedade das Republicanas Revolucionárias, que funcionou oficialmente de 10 de maio a 30 de outubro de 1793. Suas fundadoras Claire

---

<sup>120</sup> HUFTON, Olwen H., **Women and the Limits of Citizenship in the French Revolution**, Toronto, Buffalo, London, University of Toronto Press, 1992, p. 19.

Lacombe e Pauline Léon se alternaram na presidência da organização. Politicamente eram radicais e aliaram aos Enragés, que favoreciam a economia dirigida e as medidas terroristas as quais foram enfim adotadas pelos Jacobinos a partir de setembro de 1793.

Sem negar a importância da maternidade e da família, essas militantes não tinham filhos pequenos: preferiam construir uma pátria melhor para acolhê-los no futuro. Dedicavam-se, na medida de sua disponibilidade de tempo, às atividades políticas no seio do movimento popular, à participação nas jornadas revolucionárias, aos debates nos clubes políticos e Assembléias. Embora houvesse vozes favoráveis ao ativismo político feminino, e até elogios de líderes jacobinos às Republicanas Revolucionárias: "seu lugar é embaixo da bandeira tricolor" (ver "A sociedade das Cidadãs Republicanas Revolucionárias", Capítulo 1) a maioria dos homens, de qualquer tendência política, sentia desconforto com a figura da mulher revolucionária. Para eles, as mulheres não pertenciam à esfera pública, e sim ao domínio do privado, seu papel era ser mãe amorosa e devotada. As militantes tinham trocado a doçura e a discrição pela coragem e pelo orgulho, qualidades consideradas masculinas, e seus enfeites eram o barrete frígio e a pique. Além da vida doméstica, quais eram as escolhas de vida possíveis para as mulheres das classes populares?

Há um documento muito elucidativo a esse respeito no **Cahier de Doléances**, mencionado no Capítulo 1: "Petição das mulheres do Terceiro-Estado ao Rei" (1º de janeiro de 1789)<sup>121</sup>, no qual a autora descreve a situação das moças do dito Estado, que nascem quase todas sem fortuna; "sua educação deixa a desejar", e suas opções de vida são "vegetar num casamento com algum artesão infeliz"; se são bonitas mas não têm princípios nem cultura, acabam na vida libertina; quando são virtuosas e "o desejo de se instruir as devora", entram para o convento. A autora da carta pede ao Rei escolas gratuitas para que as mulheres consigam se empregar e ganhar seu sustento.

Entre a domesticidade exclusiva preconizada pela burguesia, a vida no mundo da libertinagem, e o convento, as militantes criaram um novo papel feminino: o da mulher livre, com julgamento independente e espírito público para trabalhar pelo

---

<sup>121</sup> Carta já mencionada na dissertação, no item "Aspirações das mulheres: os Cahiers..." **Cahiers de doléances des femmes en 1789 et autres textes – préfacé par Paule-Marie Duhet** – Paris, C. Des femmes 1981, p. 25.

bem comum. Preferiam a liberdade "às trivialidades do amor" (ver "A conquista do espaço moral", Capítulo 1) . A possibilidade de participação na vida nacional e a defesa da pátria e da Revolução atraiu muitas seguidoras entusiasmadas. As circunstâncias revolucionárias e a energia das ativistas criaram a mulher cívica<sup>122</sup>. Claire Lacombe, exemplo de mulher livre, quando ameaçada por espectadoras no Clube dos Jacobinos em 16 de setembro de 1793 respondeu: " Se alguém tiver a ousadia de me atacar, vou lhes mostrar o que uma mulher livre pode fazer!"<sup>123</sup>. Na iconografia do Capítulo 2 há uma imagem eloqüente de mulher livre, armada com uma pique, que talvez seja o retrato de Claire Lacombe. Esta militante, que foi presidente das Republicanas Revolucionárias, sempre se assinava com altivez: "*Lacombe, femme libre*". As ativistas tinham uma tarefa cívica a cumprir: ajudar na reconstrução nacional. Comportando-se como cidadãs, elas mereceram o título , conquistado a duras penas nos embates revolucionários. Exerceram suas atividades até a supressão dos clubes femininos em outubro de 1793 - algumas continuaram participando de protestos de subsistência e debates políticos até 1795, quando foram derrotadas e silenciadas na esteira da revolta de Prairial.

O relator Amar, descreveu o tipo de mulher patriota de que a nação precisava: a esposa doce, submissa, restrita ao lar. A burguesia ascendente não toleraria nenhum modelo diferente da mãe republicana. As idéias de Diderot se tornaram a norma. Para a maioria dos líderes revolucionários, a imagem das mulheres discutindo com os homens nas tribunas era o prenúncio do caos social, pois para eles, tal cenário era uma aberração. Os líderes revolucionários não conseguiam conceber a igualdade de direitos políticos entre os dois sexos. As coisas logo resvalavam para o pesadelo ancestral da inversão dos papéis, e a humilhação masculina perante uma mulher autoritária. Não se tratava tanto de anti-feminismo, mas de manter a diferenciação sexual e papéis bem demarcados<sup>124</sup>. O civismo cedia lugar à subversão dos sexos. Amar ligou esta questão à moral, porque sem moral '*point de République*'.

<sup>122</sup> GODINEAU, Dominique, **Citoyennes Tricoteuses – Les femmes du peuple à Paris pendant la Révolution Française**, Paris, Editions Alinea, Perrin, 2004 , p. 353.

<sup>123</sup> LEVY, Darline G., APPLEWHITE, Harriet B., JOHNSON, Mary D. – **Women in Revolutionary Paris – 1789-1795** – . Selected documents translated with notes and commentary by the authors – Urbana e Chicago, University of Illinois Press, 1980., p. 192.

<sup>124</sup> HUNT, Lynn, "Male Virtue and Republican Motherhood" IN BAKER, Michael K., **The French Revolution and the Creation of Modern Political Culture**, New York, Elsevier Science Ltd, Pergamon , 1994, vol. 4 "The Terror", p. 197.



As mulheres que "saíam de seu sexo" foram punidas com as armas da repulsa, do ridículo e da guilhotina, como Olympe de Gouges, Madame Roland e Charlotte Corday. A alegada masculinização se traduzia no linchamento moral das vítimas. Sobre Corday se disse que : " ela era uma virago (...) rejeitou seu sexo(...) o amor não consegue se aproximar do coração de uma mulher com pretensões ao conhecimento, vivacidade de espírito e força de caráter". Sobre Olympe de Gouges: " nascida com uma imaginação exaltada, confundiu seu delírio com inspiração natural. Queria ser estadista (...) a lei puniu essa conspiradora por ter se esquecido das virtudes apropriadas para seu sexo"<sup>125</sup>. Depois de se oferecer para defender o Rei, Gouges colou cartazes atacando Robespierre nas ruas de Paris, e foi condenada. No caso dessas mulheres, o crime político pesou tanto quanto o delito de pretender rivalizar com os homens.

Outro exemplo de comportamento independente feminino que se desenvolveu durante a guerra foi o das mulheres-soldados, as quais se afastaram dos papéis habitualmente reservados às mulheres para arriscar a vida defendendo o país nas frentes de batalha, às vezes junto com os maridos e amantes. É curioso notar que enquanto as militantes eram rejeitadas, as mulheres-soldados, que exerciam um ofício essencialmente masculino, foram em geral aceitas e recompensadas. Se traçarmos um paralelo entre elas perceberemos melhor as razões da acolhida tão diferente. As soldadas eram poucas, alistavam-se individualmente, e não tinham ambições políticas, estavam nas fronteiras longe do centro de poder. Já as militantes eram mais numerosas, organizavam-se em associações políticas e pressionavam o governo na capital. As soldadas arriscavam a vida pela pátria e sua coragem provocava admiração; as militantes queriam se armar "para provocar tumultos na fila do pão", segundo os observadores de polícia. As soldadas tinham moral ilibada, e as ativistas eram acusadas de pouca virtude. As soldadas não ameaçavam a supremacia masculina, nem questionavam as autoridades, ao contrário das revolucionárias. As ativistas consideravam-se membros do Povo Soberano em igualdade de condições com os homens, e a partir do outono de 1793 fizeram oposição ao governo Jacobino. As mulheres-soldados faziam petições individuais ou escreviam cartas à Assembléia para reivindicar pensões, ao passo que as militantes estavam ligadas aos grupos

---

<sup>125</sup> Citações sobre Corday e Gouges IN GUTWIRTH, Madelyn, **The Twilight of the Goddesses – Women and Representation in the French Revolutionary Era** – New Jersey, Rutgers University Press, 1992, p. 329.

organizados do movimento popular e exasperavam os líderes revolucionários com a ação política direta.

Por outro lado, a maternidade cívica - o modelo positivo de comportamento feminino - foi muito bem aceita pela maioria das mulheres, que apreciaram o novo prestígio de uma função que antes não era valorizada. Entretanto, elas não perceberam que a maternidade e a domesticidade seriam o único caminho permitido para a mulher na sociedade que adotou os preceitos de Rousseau e Diderot. Em termos de desenvolvimento pessoal e cultural, sobrou apenas uma via de auto-realização feminina: "Excluídas da educação superior e das profissões na esteira da Revolução, era só no terreno da literatura que as mulheres podiam adquirir autoridade cultural e construir um espaço para sua constituição de pessoa pública"<sup>126</sup>. Mulheres de todas as classes se encheram de orgulho em desempenhar a função materna, agora acrescentada de uma dimensão republicana. Para elas, a maternidade era um meio de integração à sociedade, apesar de que a "vocação materna" foi utilizada para justificar a exclusão feminina dos direitos de cidade. No entanto, a exaltação da maternidade trouxe alguns benefícios concretos para mães: houve uma difusão de atitudes modernas como a proteção da mãe e da esposa, o aumento da natalidade perdeu ênfase para a preservação da vida das parturientes e seus beb s, e com esse fim, estabeleceram-se novos cursos de obstetrícia, especialmente depois de 1792<sup>127</sup>.

Por outro lado, foi no século dezoito que se estabeleceu com mais nitidez o conceito de que a maternidade definia o destino da mulher. O prestígio da Medicina cresceu, e tratados médico-sócio-morais fizeram enorme sucesso, como a obra do Dr. Pierre Roussel, **Syst me Physique et moral de la femme ou Tableau philosophique de la constitution de l' tat organique, du temp rument, des moeurs et des fonctions propres au sexe (Sistema físico e moral da mulher ou quadro filosófico da constituição do estado orgânico, do temperamento , dos costumes e funções próprias ao sexo feminino)**, publicada em 1775. O Dr. Roussel, que acreditava na missão social da ciência médica, alertou para os excessos que a civilização provocava na mulher, causando uma ruptura na normalidade de suas funções naturais. As

---

<sup>126</sup> HESSE, Carla, *The Other Enlightenment – How French Women became Modern – New Jersey*, Princeton University Press, 2001, p. 155.

<sup>127</sup> ROSA, Annette, *Citoyennes*, Paris, Messidor, 1988, pp. 135-136.

mulheres deviam deixar as atividades intelectuais para os homens , e cuidar das crianças, pois essa era a tarefa que a natureza lhes designou<sup>128</sup>. Ele descobriu uma mobilidade singular nos órgãos da mulher, o que causaria "uma sucessão rápida de idéias e de movimentos"<sup>129</sup>. Portalis, um dos redatores do Código Civil de 1804, vê as mulheres sujeitas a "uma multidão de pequenos e incessantes caprichos". Seu discípulo Jacques-Louis Moreau de la Sarthe, achava que as mulheres eram mais propensas que os homens a acreditar em aparições e fantasmas<sup>130</sup>. Tal idéia corroborava a noção de que elas podiam facilmente ser induzidas a erro, como já havia dito André Amar. Napoleão, por sua vez, qualifica as mulheres em geral de "sexo da inconstância" e evoca em seu prejuízo "a fraqueza do cérebro das mulheres". Vem daí a subalternidade orgânica do gênio feminino, que condena a mulher a uma espécie de menoridade vitalícia. Tal é o fundamento científico da subordinação da mulher ao homem no Código Civil de 1804. Essa legislação definiu claramente as atribuições dos dois sexos: "o marido deve proteger sua mulher; a mulher deve obedecer seu marido" – o homem era livre "porque era o mais forte". Além disso, reafirmou o princípio da autoridade paternal, reinstituíu a supremacia marital e alterou drasticamente a lei do divórcio: o marido podia pedir o divórcio em caso de adultério da esposa, mas ela só podia pedi-lo no caso do marido trazer a amante para morar no lar do casal<sup>131</sup>; o tratamento também era desigual nas conseqüências do delito: a mulher adúltera podia ser condenada a dois anos de prisão, o marido não sofria punição. No Antigo Regime, as mulheres da aristocracia e as religiosas tinham direito de administrar suas propriedades e autonomia para resolver questões jurídicas relacionadas às suas famílias e seus bens. O Código Civil , ao tratar igualmente todas as mulheres, eliminou aquelas prerrogativas das mulheres das classes favorecidas<sup>132</sup>. A teoria da domesticidade e da debilidade física e mental do sexo "frágil", apoiada pela ciência médica, custou às mulheres a relativa liberdade de que desfrutaram nos primeiros

---

<sup>128</sup> DUBY, Georges, e PERROT, Michelle – História das mulheres no Ocidente, p. 454.

<sup>129</sup> ROUSSEL, Pierre, **Système physique et moral de la femme...**(1775), 6ª ed. Paris, 1813, p. 15 e 16.

<sup>130</sup> HUNT, Lynn, **The Family Romance of the French Revolution** , Los Angeles, University of California Press, 1992 , p. 158.

<sup>131</sup> CENSER, Jack, HUNT, Lynn – **Liberty, Equality, Fraternity – Exploring the French Revolution** – The Pennsylvania State University Press, 2001, p. 166.

<sup>132</sup> LEVY, Darline G., APPLEWHITE, Harriet B., JOHNSON, Mary D. – **Women in Revolutionary Paris – 1789-1795** – . Selected documents translated with notes and commentary by the authors – Urbana e Chicago, University of Illinois Press, 1980, p. 310.

anos da Revolução , e sepultou por um século os sonhos políticos das mulheres livres do Ano II.

A crise revolucionária deu às mulheres uma visibilidade desconhecida até então, a qual se reflete nas variadas representações de sua participação nos acontecimentos da Revolução. A iconografia nos mostra a visão masculina acerca dos comportamentos incentivados ou reprovados na mulher na sociedade do fim do século dezoito. Tanto as imagens elogiosas quanto as detratórias são bastante idealizadas. Considerando o *status* ambíguo das cidadãs francesas, o que se vê nas representações iconográficas é que elas exerceram seu civismo enfeitando as festas com a "cidadania ornamental", doando as jóias à Assembléia ou coletando dinheiro para os necessitados na "cidadania filantrópica", em cenas de "cidadania heróica" salvando pessoas da morte, ou aleitando e educando crianças na "cidadania maternal" . Mas as representações dos episódios de cidadania *tout court*, sem adjetivos, são caricaturais e contra-revolucionárias, e têm o objetivo de satirizar as mulheres na cena pública. Pode-se perceber pelo humor dessa iconografia como os franceses reagiram mal à intervenção política feminina na vida nacional no tempo da Revolução.

Enquanto as mães republicanas viraram símbolos benignos da nação, as militantes se transformaram em bruxas e fúrias da guilhotina . A transgressão feminina às normas sociais vigentes, adquiriu cores mais dramáticas com o tempo. No século dezenove, Gustav LeBon invocou forças sombrias para explicar o Terror: " Quando a autoridade se esgarça e se rompe, quando se permite que as multidões atuem politicamente, as massas serão massas, femininas, histéricas, dentadas e assassinas"<sup>133</sup> . Talvez ele estivesse pensando na última jornada revolucionária popular. Pelo visto , o autor acreditava que a repressão feroz era o melhor meio de acabar com os protestos "históricos" das esfomeadas de Prairial.

Penso haver confirmado a hipótese de que a repressão se deveu a uma conjunção de fatores políticos e de mentalidade social. As militantes faziam oposição ao governo da Convenção, exigindo democracia direta ao gosto dos *sans-culottes*. Os deputados não tinham nenhuma intenção de ceder nesse ponto. A supressão dos clubes

---

<sup>133</sup> Le Bon, **French Revolution and the Psychology of Revolution**, p. 110 IN HIGONNET, Patrice, "The 'young Marx' explanation of Jacobin Politics " *Past and Present* , no. 191, May 2006, p. 160.



femininos em 1793, e a repressão das ativistas em Prairial de 1795 se deveu ao papel político que as revolucionárias exerceram. Por outro lado, elas foram reprimidas dentro de um contexto autoritário de refreamento das classes populares, não apenas por serem mulheres, mas por integrarem o movimento popular que ameaçava a estabilidade do poder.

Temos que pensar também que a não aceitação das ativistas tinha um componente de classe social. As autoridades revolucionárias jamais concordariam em compartilhar o governo com mulheres ou homens da *sans-culotterie*, pois havia um perigo real de esfacelamento do poder se prevalecesse a democracia direta que eles defendiam. Tratava-se de manter o poder concentrado na classe burguesa, como de fato aconteceu. À época de sua repressão, as ativistas eram adversárias políticas que "saíram de seu sexo" porque queriam ser patriotas, e julgavam que os princípios da Liberdade, Igualdade e Fraternidade se aplicavam a todos. O sentido de seu engajamento era afirmar seu pertencimento ao Povo Soberano, trabalhar pelo bem da nação, e ter voz nas decisões políticas. Por vezes foram injustas e até violentas, mas também sofreram violências e injustiças. Aquelas mulheres livres agiram como cidadãs, empregando toda sua energia e paixão no projeto revolucionário porque acreditaram num mundo melhor e lutaram por ele. Vale a pena redescobrir a sua trajetória.

## FONTES

### Fontes manuscritas - Archives Nationales, Paris

Relatórios de observadores de polícia , assinados ou anônimos.

F 7 4477 até F7 4575/53.

C\*I 65 – 2 sept. – 31 oct. 1792

C\*I 66 - 1 nov. – 9 déc. 1792

F iv 1470 – 1793

F/11 201 a - 20 frimaire-9 germinal - Relatórios de Grivel e Siret sobre subsistência.

DXLII no. 11 – 25 oct. 1793 – Relatório Prévost sobre o barrete vermelho.

### Fontes impressas

1. LUCAS, Colin, Editor-in-Chief, **The French Revolution Research Collection**, University of Chicago, 1992 – Coleção de documentos microfilmados ou em microfichas sobre a Revolução, Section 9.4 -**Women and the Family**- The New York Public Library.
2. **Paris pendant la Terreur – Rapports des Agents Secrets du Ministre de L'Intérieur** - publicados por CARON, Pierre (autor da Introdução) - Tome Premier, 27 Août 1793 – 25 Décembre 1793, Paris , Librairie Alphonse Picard et fils, 1910.
3. **Cahiers de doléances des femmes et autres textes – 1789.** – préface par Paule-Marie Duhet – Paris, Ed. des femmes, 1981.
4. **Recueil des actions héroïques et civiques des républicains français** - (Presenté à la Convention Nationale au nom de son Comité d'Instruction publique, par Léonard Bourdon, an II, Paris, Imprimerie Nationale) microfilme da Bibliothèque Nationale François Mitterrand, Paris.
5. **Lei de 30 de abril de 1793: exclusão das mulheres inúteis do Exército.** [Convention Nationale] Archives Parlementaires 30 avril 1793; Archives nationales: Carton CII 251, chemise 427, pièce no. 11.
6. **Procès –verbaux de la Convention**, 1.21, p. 298.[convention Nationale] Archives Parlementaires – 28 septembre 1793, Bibliothèque Nationale, le, no. 473.
7. ROBESPIERRE, Maximilien, “Sur les principes de morale politique” 5 février 1794/17 Pluviôse an II, publicado por ZIZEK, Slavoj IN **Robespierre : entre vertu et terreur** - Editions Stock, 2008 (traduction française).
8. LEVY, D., BRANSON APPLEWHITE, H., JOHNSON, M. – **Women in Revolutionary Paris – 1789-1795** – University of Illinois Press. Documentos selecionados sobre as militantes políticas em Paris.

9. Documentos reunidos em: **Liberty, Equality, Fraternity – Exploring the French Revolution** – Jack R. Censer and Lynn Hunt . The Pennsylvania State University Press 2001.
10. **Les Tracts féministes au XVIIIe siècle** – publiés avec une introduction par Colette Michael, Editions Slatkine, Genève – Paris, 1986 – Bibliothèque de la Sorbonne
11. TOCQUEVILLE, Alexis de - **L'ancien régime et la Révolution** – Gallimard 1967.
12. CONDORCET, **Essai sur l'admission des femmes au droit de cité. *Journal de la Société de 1789, no. V, 3 juillet 1790*** IN LUCAS, Colin, Editor-in-Chief The French Revolution Research Collection, University of Chicago, 1992 , The New York Public Library, microficha 9.4/207 .
13. GOUGES, Olympe de – **Oeuvres** – Mercure de France, 1986.
14. WOLLSTONECRAFT, Mary , **A vindication of the rights of men and a vindication of the rights of woman**, Köln, Köneman, 1998.
15. ROUSSEL, Pierre, **Système Physique et Moral de la Femme** – 1775
16. ROUSSEAU, Jean-Jacques – **Lettre à D'Alembert** – Paris, Flammarion , 1967.

### Fontes iconográficas

1. Aquarelas, desenhos e pinturas do Museu Carnavalet, Paris.
2. VOVELLE, Michel, **La Révolution Française: Images et Récit**, 5 vols , Paris CNRS, 1988
3. CARBONNIÈRES, Philippe de , **Lesueur – Gouaches Révolutionnaires – Collections du Musée Carnavalet**, Paris, Paris-Musées, 2005
4. CARBONNIÈRES, Philippe et al. - **Au Temps des Merveilleuses** – Paris, Musée Carnavalet, 2005.
5. Além das fontes enumeradas acima , utilizei imagens publicadas na bibliografia indicada nas referências do Caderno de Imagens.

## BIBLIOGRAFIA

**Mulheres, Família , Militância**

1. GODINEAU, Dominique, **Citoyennes Tricoteuses - Les femmes du peuple à Paris pendant la Révolution Française**, Perrin 2004.
2. GODINEAU, Dominique, « Autour du mot citoyenne » IN *Mots. Les langages du politique*, Année 1988, volume 16, numéro 1, p. 91-110. <http://www.persee.fr>
3. GODINEAU, Dominique – “Fonction maternelle et engagement révolutionnaire » IN **L'Enfant, la Famille et la Revolution Française** , Olivier Orban, 1990, pp. 85-95.
4. GODINEAU, Dominique, « Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias” IN DUBY, Georges e PERROT, Michelle (direção da coleção) e FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (direção do volume 4) **História das Mulheres no Ocidente, vol. 4, Do Renascimento à Idade Moderna** (trad.) Porto, Ed. Afrontamento, 1994.
5. GODINEAU, Dominique, “De la guerrière à la citoyenne. Porter les armes pendant l'ancien Régime et la Révolution Française » *Clio - Histoire, femmes et sociétés*, no. 20- 2004 , pp. 43-69. *Armées*, mis en ligne le 01 janvier 2007. URL: <http://clio.revues.org/index1418.html>. Acesso em 21 outubro 2008.
6. GODINEAU, Dominique, "De la rosière à la tricoteuse: les représentations de la femme du peuple à la fin de l'ancien Régime et pendant la Révolution" p. 7 , <http://revolution-francaise.net/2008/05/01/229-rosiere-a-tricoteuse-representation-femme-peuple>. Acesso em : 11 maio 2009.
7. GODINEAU, Dominique, "La Tricoteuse": formation d'un mythe contre-révolutionnaire – *Mots, Révolution Française.net* – <http://revolution-francaise.net/2008/04/01/223-tricoteuse-formation-mythe-contre-revolutionnaire> acesso 11/5/2009.
8. MARAND-FOUQUET, Catherine, **La femme au temps de La Révolution** – 1989, Éditions Stock/Laurence Pernoud.
9. HUNT, Lynn, **The Family Romance of the French Revolution**, University of California Press, 1992.
10. HUNT, Lynn, “Revolução Francesa e Vida Privada” IN PERROT, Michelle, - org. **História da Vida Privada vol., 4 – Da Revolução à primeira guerra** - Cia. das Letras, S. Paulo, 2006.
11. LANDES, Joan, **Women and the Public Sphere in the Age of the French Revolution** – Cornell University Press
12. ROSA, Annette, **Citoyennes – Les Femmes et la Révolution Française** – Messidor, Paris , 1988.



13. HUFTON, Olwen H., **Women and the Limits of Citizenship in the French Revolution**, Toronto, Buffalo, London, University of Toronto Press, 1992.
14. HIGONNET, Patrice, **Goodness beyond Virtue**, Cambridge, Massachusetts e London, England, Harvard University Press, 1998
15. FRAISSE, Geneviève, **Les deux gouvernements: la famille et la Cité** – Gallimard, 2000.
16. GARRIOCH, David, “The Everyday Lives of Parisian women and the October Days of 1789”, *Social History*, Vol. 24, No. 3 (Oct., 1999), pp. 231-249.
17. APPLEWHITE, Harriet B. & LEVY Darline G. “Responses to the Political Activism of Women of the People in Revolutionary Paris, 1789-1793”. IN **Women and the Structure of Society** – Selected research from the fifth Berkshire Conference on the History of Women., edited by Barbara J. Harris and JoAnn K. McNamara. Duke Press Policy Studies, 1984.
18. APPLEWHITE, Harriet B. e LEVY, Darline Gay , “Women, Radicalization, and the Fall of the French Monarchy” IN APPLEWHITE, Harriet B. & LEVY Darline G. (edited by) **Women & Politics in the Age of the Democratic Revolution**, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1993.
19. APPLEWHITE, Harriet B. & LEVY Darline G. (edited by) **Women & Politics in the Age of the Democratic Revolution**, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1993.
20. LEVY, Darline G., APPLEWHITE, Harriet B., JOHNSON, Mary D. – Women in Revolutionary Paris – 1789-1795 – . Selected documents translated with notes and commentary by the authors – Urbana e Chicago, University of Illinois Press, 1980.
21. DESAN, Suzanne – “Constitutional Amazons: Jacobin Women's Clubs in the French Revolution” IN **Re-creating Authority in Revolutionary France**, edited by Bryant T. Ragan, Jr. and Elizabeth A. Williams, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 1992
22. MELZER, Sara E. And RABINE, Leslie W., editors, **Rebel Daughters**, New York, Oxford University Press, 1992.
23. GUIBERT-SLEDZIEWSKI, Elizabeth , “La femme, objet de la Révolution », Síntese de duas comunicações feitas na Assembléia da Société des Études Robespierristes, em junho 1984, e no Collège International de Philosophie, seminário **Formes du féminisme historique**, G. Fraisse, em abril de 1986.
24. GUIBERT-SLEDZIEWSKI, Elizabeth , “Revolução Francesa. A viragem” IN DUBY, Georges e PERROT, Michelle (direção da coleção) e FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (direção do volume 4) **História das Mulheres no Ocidente, vol. 4, Do Renascimento à Idade Moderna** (trad.) Porto, Ed. Afrontamento, 1994.

25. GUIBERT-SLEDZIEWSKI, Elizabeth, "Une idée neuve de la femme" – postface  
IN ROSA, Annette, **Citoyennes**, Paris, Messidor, 1988.
26. KELLY, Linda – **Women of the French Revolution**, Hamish Hamilton, London,  
1987.
27. PROCTOR, Candice E., **Women, Equality and the French Revolution**,  
Contribution in Women"s Studies, no. 115, Greenwood Press.
28. BLUM, Carol, **Rousseau and the Republic of Virtue – The language of Politics  
in the French Revolution**, Ithaca and London, Cornell University Press, 1986
29. KNIBIEHLER, Yvonne, **Histoire des Mères et de la Maternité en Occident** ,  
Presses Universitaires de France, 2004.
30. MOUSSET, Sophie, **Olympe de Gouges et les droits de la femme**, Editions du  
Félin, 2007.
31. ROUDINESCO, ELISABETH, **Théroigne de Méricourt – Une femme  
mélancolique sous la Révolution** – Paris, Seuil, 1989.
32. DUHET, Paule-Marie, **Les femmes et la Révolution**, (Collection « Archives »  
**dirigée par Pierre Nora et Jacques Revel**) Gallimard/Julliard, 1971.
33. OZOUF, Mona, **L'Homme Régénéré** – Essais sur la Révolution Française, Paris,  
Gallimard, 1989
34. CARBONNIER, Annelise, TOULET, Michel, LECAT, Jean-Michel, **La longue  
marche des femmes – 1789-1920 – des citoyennes aux suffragistes** – Paris, Ed.  
Phébus, 2008 .
35. BERTAUD, Jean-Paul, **La vie quotidienne des soldats de la Révolution**, Paris,  
Hachette, 1985.
36. DHAUSSY, Catherine, e VERJUS, Anne "De l'action féminine en période de  
révolte (s) et de révolution (s) AHRF NO. 312, 1988, No. 1-  
<http://dhaussy.verjus.free.fr/html/action.femmes.html>
37. BERTAUD, Jean-Paul, « Les femmes et les armées de la République » IN  
BERTAUD, Jean-Paul, **La vie quotidienne des soldats de la Révolution**, Paris,  
Hachette, 1985.

### Arte e interpretação de imagens

1. HUNT, Lynn. “Hercules and the Radical Image in the French Revolution”, *Representations*, no. 2 (Spring, 1983) pp. 95-117 - JSTOR.
2. HUNT, Lynn, “Engraving the Republic: Prints and Propaganda in the French Revolution” *History Today*, no. 30 (October 1980).
3. HUNT, Lynn, **Política, Cultura e Classe na Revolução Francesa**, (trad.) São Paulo, Cia. Das Letras, 2007
4. VOVELLE, Michel, **La Révolution Française: Images et Récit**, 5 vols , Paris CNRS, 1988
5. AGULHON, Maurice – **Marianne into Battle: Republican imagery and symbolism in France, 1789-1880** – (tradução de *Marianne au Combat*) Cambridge University Press, 1981.
6. AGULHON, Maurice – **Marianne: Les Visages de la République.**, Paris, Gallimard, 1992.
7. LANDES, Joan, **Visualizing the Nation, Gender, Representation and Revolution in Eighteenth-Century France** - Cornell University Press, 2001.
8. LANDES, Joan, **Imaging the French Revolution – discussion, images, essays.** <http://chnm.gmu.edu/revolution/imaging/essays/landes2.html>
9. DE BAECQUE, Antoine – “The Allegorical Image of France , 1750-1800: A Political Crisis of Representation” – *Representation*, No. 47, Special Issue (Summer , 1994) pp. 111-143.
10. LANGLOIS, Claude, **La Caricature contre-révolutionnaire** – Centre National des Lettres, Paris, Presses du CNRS, 1988.
11. GUTWIRTH, Madelyn, **The Twilight of the Goddesses – Women and Representation in the French Revolutionary Era** – Rutgers University Press, New Jersey, 1992.
12. JOURDAIN, Annie – **Les Monuments de la Révolution – 1770-1804 - Une histoire de la représentation** Paris, Honoré Champion Editeur, 1997.
13. JOURDAIN, Annie – « Les concours de l'An II – en quête d'un art républicain » IN LAPIED, Martine e PEYRARD, Christine (direction) **La Révolution à l'oeuvre – perspectives actuelles dans l'histoire de la Révolution Française**, Presses Universitaires de Rennes, 2005.
14. DUPRAT, Annie, « Iconographie historique : une approche nouvelle ? » IN **La Révolution à l'oeuvre – Perspectives actuelles dans l'histoire de la**

**Révolution française** – Actes du colloque de Paris, janvier 2004. Presses Universitaires de Rennes, 2005.

15. CARBONNIÈRES, Philippe de , **Lesueur – Gouaches Révolutionnaires – Collections du Musée Carnavalet**, Paris, Paris-Musées, 2005
16. ROTBERG, R., e RABB, T – **Art and History** – Cambridge University Press, N. York, 1986.

### Metodologia e abordagens historiográficas

1. CHARTIER, Roger, **Les origines culturelles de la Révolution française**, Paris, Seuil, 2000.
2. CHARTIER, Roger, **Lectures et Lecteurs dans la France D'Ancien Régime**, Paris, Seuil, 1987.
3. GODINEAU, Dominique, « Histoire sociale, histoire culturelle, histoire politique : la question du droit de cité des femmes » IN LAPIED, Martine e PEYRARD Christine (direction) Préface VOVELLE, Michel , **La Révolution Française au Carrefour des Recherches** , Aix-en Provence , Publications de l'Université de Provence, 2003.
4. HUNT, Lynn, « L'histoire des femmes : accomplissements et ouvertures » IN LAPIED, Martine e PEYRARD Christine (direction) Préface VOVELLE, Michel , **La Révolution Française au Carrefour des Recherches** , Aix-en Provence , Publications de l'Université de Provence, 2003.
5. HUNT, Lynn, « Relire l'histoire du politique » IN LAPIED, Martine e PEYRARD Christine (direction) Préface VOVELLE, Michel , **La Révolution à l'oeuvre – perspectives actuelles dans l'histoire de la Révolution Française**, Presses Universitaires de Rennes, 2005.
6. HUNT, Lynn, « Male virtue and Republican Motherhood » IN **The French Revolution and the Creation of Modern Political Culture**, vol. 4, Edited by BAKER, Keith Michael, Pergamon, Stanford University, 2004.
7. LAPIED, Martine, « La visibilité des femmes dans la Révolution française » IN LAPIED, Martine e PEYRARD Christine (direction) Préface VOVELLE, Michel , **La Révolution Française au Carrefour des Recherches** , Aix-en Provence , Publications de l'Université de Provence, 2003.
8. LAPIED, Martine, « Histoire du Genre en Révolution » IN **La Révolution à l'oeuvre – perspectives actuelles dans l'histoire de la Révolution Française**, Presses Universitaires de Rennes, 2005.
9. OFFEN, Karen – “The New Sexual Politics of French Revolutionary Historiography” IN *French Historical Studies*, Vol.16, No. 4 (Autumn, 1990), pp. 909-922.



10. GOODMAN , Dena – “Public Sphere and Private Life: Toward a Synthesis of Current Historiographical Approaches to the Old Regime” IN *History and Theory*, Vol 31, No. 1 (Feb., 1992), pp. 1-20, Blackwell Publishing for Wesleyan University.

### **Obras de Referência**

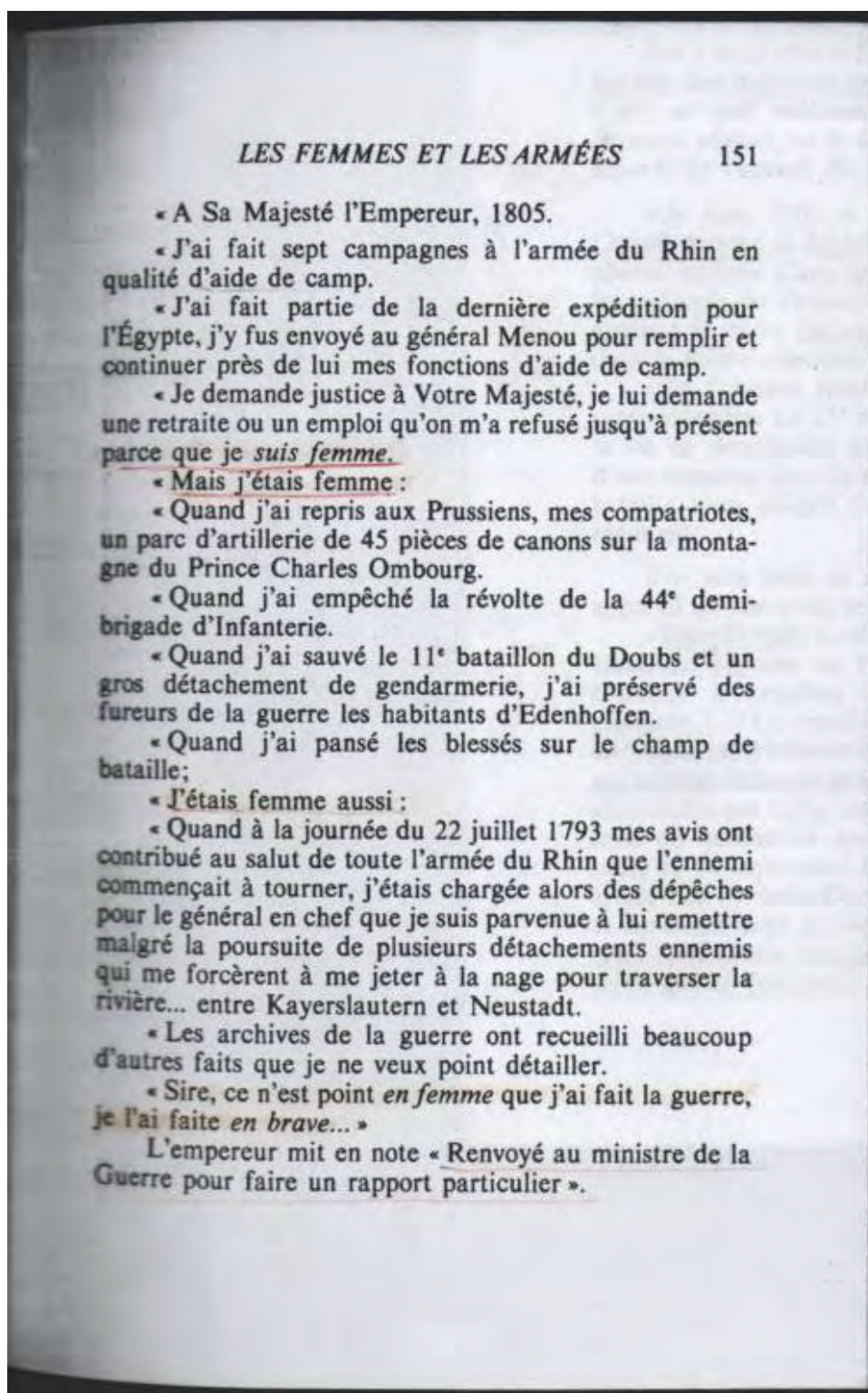
1. FURET, Francois, e OZOUF, Mona, **Dictionnaire Critique de la Révolution Française: Institutions et Créations, Événements, Idées, Acteurs – Champs**, Flammarion 1992.
2. LEFEBVRE, Georges – **La Révolution Française** – Presses Universitaires de France, Paris, 1989.
3. TULARD, J., FAYARD, J.F., FIERRO, A. – **Histoire et dictionnaire de la Révolution Française 1789-1799**. Ed. Robert Laffont, 1988.
4. MICHELET, Jules , **Les Femmes de la Révolution** , Carrère, 1988.
5. MICHELET, Jules, **Histoire de la Révolution Française**, Paris, Editions Robert Laffont, 1979, livre premier.

### **Obras gerais sobre o século XVIII e o período revolucionário**

1. VOVELLE, Michel, **La mentalité révolutionnaire**, Paris, Messidor/Éditions sociales, 1985.
2. FORREST, Alan, « L'Armée de L'An II : La Levée en masse et la Création d'un Mythe Républicain » , *Annales historiques de la Révolution française* – 2004 – No. 1, pp.111-130.
3. BERTAUD, Jean-Paul, « O soldado » IN **O Homem do Iluminismo**, direção Michel Vovelle, Lisboa, Editorial Presença, 1997.
4. HUNT, Lynn, « A Pornografia e a Revolução Francesa” IN **A Invenção da Pornografia – Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800**, São Paulo, Hedra 1999.
5. OZOUF, Mona, “L'Homme Régénéré” IN - **Essais sur la Révolution Française**, Paris, Gallimard, 1989.
6. DARMON, Pierre, **Mythologie de la femme dans l'Ancienne France**, Paris, Seuil, 1983

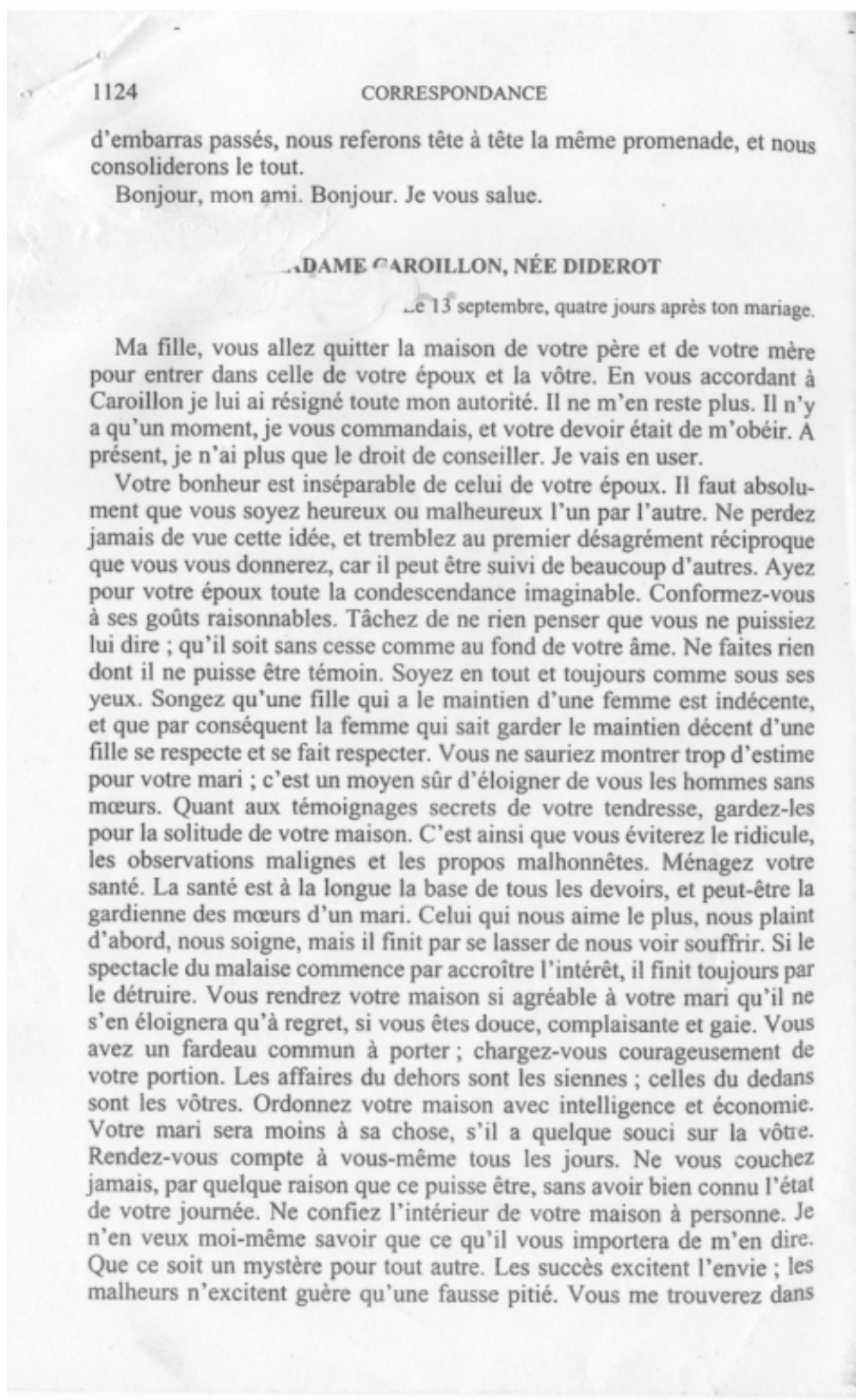
ANEXOS

A –Les Femmes et les Armées<sup>134</sup>. Carta de Mme. Xaintrailles a Napoleão.



<sup>134</sup> BERTAUD, Jean-Paul, *La vie quotidienne des soldats de la Révolution*, Paris, Hachette, 1985.

- B- Carta de Denis Diderot à sua filha recém casada em 13 de setembro de 1772.  
Espécie de guia de conduta moral para a mulher casada da burguesia .



tous les moments fâcheux, et je dois vous suffire. Je ne vous recommande pas d'avoir des mœurs. Ce soupçon de l'inconduite, si commune aujourd'hui, m'accablerait de douleur, vous ôterait mon estime, et me chasserait de votre maison et de beaucoup d'autres. Après m'être glorifié de vous, je mourrais d'avoir à en rougir. Je suis fait à vous entendre nommer avec éloge. Je ne me ferais jamais à vous entendre nommer avec blâme. Plus vous êtes connue, par vous et par moi, plus votre désordre serait éclatant. Soyez surtout en garde contre les premiers jours de votre union. Une passion nouvelle entraîne à des indiscretions qui se remarquent et qui deviennent le germe d'une indécence qui dégénère en habitude. On est honnête, et l'on n'en a pas l'air. C'est un grand malheur que de perdre la considération attachée à la pratique de la vertu, et que d'être confondue par l'opinion fautive qu'on donne de soi, dans la foule de celles auxquelles on a la conscience de ne pas ressembler. On se révolte contre cette injustice, et l'on a tort. On a le droit de juger les femmes sur les apparences, et s'il y a quelques personnes d'une justice assez rigoureuse pour n'en pas user et pour mieux aimer accorder le titre de vertueuse à une libertine que de l'ôter à une femme sage, c'est une grâce qu'ils vous font.

Je vous aime de toute mon âme ; si vous vous occupez à accroître ce sentiment, si vous vous demandez à vous-même : Que mon père penserait-il de moi s'il me voyait, s'il m'entendait, s'il savait, vous ferez toujours bien. Vous allez entrer dans le monde ; prenez garde à vos premiers pas. Établissez bien votre caractère. Recevez tous ceux qu'il plaira à votre mari de vous présenter ; il a du sens, de la raison, et j'espère qu'il n'ouvrira sa porte à aucun homme suspect. Ne vous hâtez pas de juger ; mais un personnage une fois bien démasqué pour vous, qu'il le soit aussitôt pour votre mari. Ayez le moins de réticences qu'il est possible, parce qu'il est impossible d'en deviner les suites. Restreignez, restreignez encore votre société. Où il y a beaucoup de monde, il y a beaucoup de vices. La société nombreuse n'est nécessaire qu'à ceux qui s'ennuient et qui sont mal avec eux-mêmes. Jugez de ma satisfaction par la fréquence de mes visites. Plus je serai content de vous, plus vous me verrez. Malheur à vous, et malheur à moi, si je craignais de passer devant votre porte ! Mon enfant, j'ai tant pleuré, tant souffert depuis que je suis au monde. Console-moi. Dédommage-moi. Je te laisse aller avec une peine que tu ne saurais concevoir. Je te pardonne bien aisément de ne pas éprouver la pareille. Je reste seul, et tu suis un homme que tu dois adorer. Du moins, au lieu de causer avec toi, comme autrefois, quand je causerai seul avec moi, que je me puisse dire en essuyant mes larmes : Je ne l'ai plus, il est vrai ; mais elle est heureuse. Si vous ordonnez bien vos premières journées, ce sera un modèle auquel vous n'aurez plus qu'à vous conformer pour les autres. Levez-vous de bonne heure ; donnez à vos détails domestiques de toute espèce les premières heures de votre matinée ; peut-être même toute votre matinée. Fortifiez votre âme. Ornez votre esprit par la

lecture dont vous avez été assez heureuse pour recevoir le goût. Ne négligez pas votre talent. C'est le seul côté par lequel vous puissiez peut-être vous distinguer sans qu'il vous en coûte aucun sacrifice essentiel. Quoique vous n'ayez plus besoin de maître, gardez-le, ne fût-ce que pour vous assujettir à travailler. Craignez la dissipation. C'est le symptôme de l'ennui et du dégoût de toute occupation solide. Si je passais chez vous plusieurs jours de suite sans vous y trouver, j'en serais très attristé. Si vous y trouvant, j'étais assez heureux pour vous y voir occupée selon mon souhait, mon cœur nagerait dans la joie tout le reste de la journée. Je vous ordonne de serrer cette lettre, et de la relire au moins une fois par mois. C'est la dernière fois que je vous dis *Je le veux*.

Adieu, ma fille, adieu, mon cher enfant. Viens que je te presse encore une fois contre mon sein. Si tu m'as trouvé quelquefois plus sévère que je ne devais, je t'en demande pardon. Sois sûre que les pères sont bien cruellement punis des larmes, justes ou injustes, qu'ils font verser à leurs enfants. Tu sauras cela un jour, et c'est alors que tu m'excuseras. Si tu profites de ces conseils, ils seront le plus précieux de tous les biens que tu puisses obtenir de moi. Je te bénis dix fois, cent fois, mille fois ; va, mon enfant. Je n'entends rien aux autres pères. Je vois que leur inquiétude cesse au moment où ils se séparent de leurs enfants ; il me semble que la mienne commence. Je te trouvais si bien sous mon aile ! Dieu veuille que le nouvel ami que tu t'es choisi soit aussi bon, aussi tendre, aussi fidèle que moi.

Ton père,

DIDEROT.

#### A GRIMM

[19 septembre 1772]

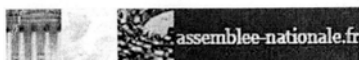
Mon ami, je suis seul ; je suis désolé d'être seul, et je ne sens que cela. Toute la famille vient aujourd'hui dîner chez moi. Si sur le soir, à six, à sept, à huit heures, vous vouliez vous trouver chez vous, nous irions vous voir, moi, les deux enfants, la belle-mère et ma pauvre sœur qui se meurt de vous embrasser. Elle est aussi bonne sœur que vous êtes bon ami. Vous saurez ce qu'elle est venue faire, et qu'elle a fait.

Mon ami, j'ai depuis huit jours l'âme navrée de tant de douleurs, j'ai reçu tant de coups violents, que je ne sais quand j'en reviendrai. Je n'aurais pas voulu mourir la veille du mariage de ma fille, car ce mariage ne se serait pas fait. Mais j'avais tant besoin de repos le lendemain, que celui qui finit tout et qui ne finit point m'aurait semblé un grand bonheur.

Bonjour, mon ami ; bonjour, mon tendre ami. Mon âme est devenue si douloureuse que je ne vois rien, n'entends rien, sans émotion. Tout m'affecte. J'ai ouvert votre billet en pleurant ; je l'ai lu en pleurant ; je vous



## C – Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1789.



Recherche | Aide | Plan du site

Accueil > Histoire et patrimoine > Événements > Déclaration universelle des droits de l'homme (1948-1998)

### 50<sup>ème</sup> anniversaire de la Déclaration universelle des droits de l'homme (1948-1998)



#### DÉCLARATION DES DROITS DE L'HOMME ET DU CITOYEN DE 1789

Les Représentants du Peuple Français, constitués en Assemblée nationale, considérant que l'ignorance, l'oubli ou le mépris des droits de l'homme sont les seules causes des malheurs publics et de la corruption des Gouvernements, ont résolu d'exposer, dans une Déclaration solennelle, les droits naturels, inaliénables et sacrés de l'homme, afin que cette Déclaration, constamment présente à tous les membres du corps social, leur rappelle sans cesse leurs droits et leurs devoirs ; afin que les actes du pouvoir législatif, et ceux du pouvoir exécutif pouvant être à chaque instant comparés avec le but de toute institution politique, en soient plus respectés ; afin que les réclamations des citoyens, fondées désormais sur des principes simples et incontestables, tournent toujours au maintien de la Constitution, et au bonheur de tous. En conséquence, l'Assemblée nationale reconnaît et déclare, en présence et sous les auspices de l'Être Suprême, les droits suivants de l'homme et du citoyen.

##### Article premier

Les hommes naissent et demeurent libres et égaux en droits. Les distinctions sociales ne peuvent être fondées que sur l'utilité commune.

##### Article II

Le but de toute association politique est la conservation des droits naturels et imprescriptibles de l'homme. Ces droits sont la liberté, la propriété, la sûreté et la résistance à l'oppression.

##### Article III

Le principe de toute Souveraineté réside essentiellement dans la Nation. Nul corps, nul individu ne peut exercer d'autorité qui n'en émane expressément.

##### Article IV

La liberté consiste à pouvoir faire tout ce qui ne nuit pas à autrui : ainsi l'exercice des droits naturels de chaque homme n'a de bornes que celles qui assurent aux autres Membres de la Société, la jouissance de ces mêmes droits. Ces bornes ne peuvent être déterminées que par la Loi.

##### Article V

La Loi n'a le droit de défendre que les actions nuisibles à la Société. Tout ce qui n'est pas défendu par la Loi ne peut être empêché, et nul ne peut être contraint à faire ce qu'elle n'ordonne pas.

##### Article VI

La Loi est l'expression de la volonté générale. Tous les Citoyens ont droit de concourir personnellement, ou par leurs Représentants, à sa formation. Elle doit être la même pour tous, soit qu'elle protège, soit qu'elle punisse. Tous les Citoyens étant égaux à ses yeux, sont également admissibles à toutes dignités, places et emplois publics, selon leur capacité, et sans autre distinction que celle de leurs vertus et de leurs talents.

**Article VII**

Nul homme ne peut être accusé, arrêté, ni détenu que dans les cas déterminés par la Loi, et selon les formes qu'elle a prescrites. Ceux qui sollicitent, expédient, exécutent ou font exécuter des ordres arbitraires, doivent être punis ; mais tout Citoyen appelé ou saisi en vertu de la Loi doit obéir à l'instant : il se rend coupable par la résistance.

**Article VIII**

La Loi ne doit établir que des peines strictement et évidemment nécessaires, et nul ne peut être puni qu'en vertu d'une Loi établie et promulguée antérieurement au délit, et légalement appliquée.

**Article IX**

Tout homme étant présumé innocent jusqu'à ce qu'il ait été déclaré coupable, s'il est jugé indispensable de l'arrêter, toute rigueur qui ne serait pas nécessaire pour s'assurer de sa personne, doit être sévèrement réprimée par la Loi.

**Article X**

Nul ne doit être inquiété pour ses opinions, même religieuses, pourvu que leur manifestation ne trouble pas l'ordre public établi par la Loi.

**Article XI**

La libre communication des pensées et des opinions est un des droits les plus précieux de l'Homme : tout Citoyen peut donc parler, écrire, imprimer librement, sauf à répondre de l'abus de cette liberté, dans les cas déterminés par la Loi.

**Article XII**

La garantie des droits de l'Homme et du Citoyen nécessite une force publique : cette force est donc instituée pour l'avantage de tous, et non pour l'utilité particulière de ceux auxquels elle est confiée.

**Article XIII**

Pour l'entretien de la force publique, et pour les dépenses d'administration, une contribution commune est indispensable. Elle doit être également répartie entre tous les Citoyens, en raison de leurs facultés.

**Article XIV**

Tous les Citoyens ont le droit de constater, par eux-mêmes ou par leurs Représentants, la nécessité de la contribution publique, de la consentir librement, d'en suivre l'emploi et d'en déterminer la quotité, l'assiette, le recouvrement et la durée.

**Article XV**

La Société a le droit de demander compte à tout Agent public de son administration.

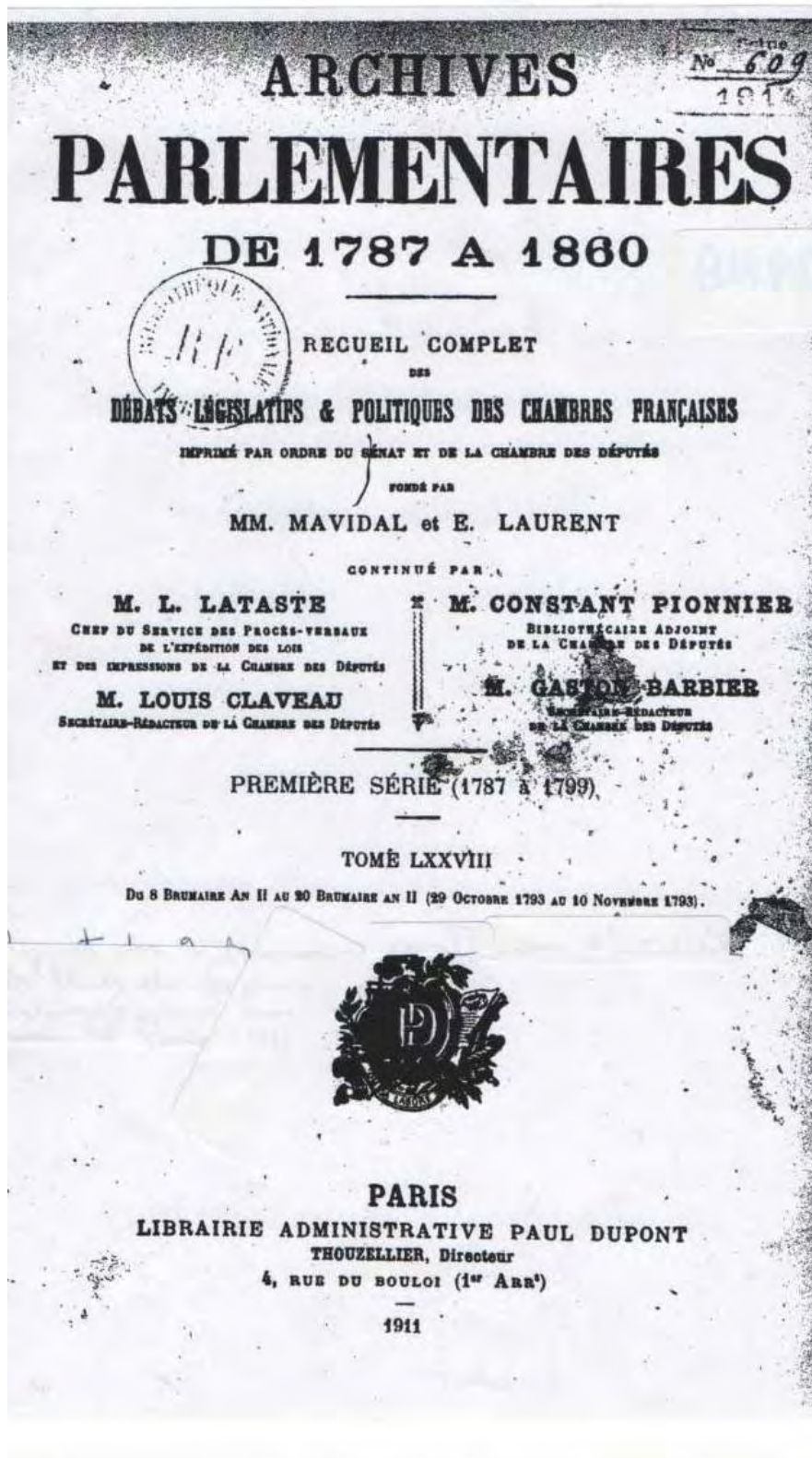
**Article XVI**

Toute Société dans laquelle la garantie des Droits n'est pas assurée, ni la séparation des Pouvoirs déterminée, n'a point de Constitution.

**Article XVII**

La propriété étant un droit inviolable et sacré, nul ne peut en être privé, si ce n'est lorsque la nécessité publique, légalement constatée, l'exige évidemment, et sous la condition d'une juste et préalable indemnité.

D - Proibição dos clubes políticos femininos. Relatório de Jean-Batiste André Amar, relator do Comitê de Sureté Général em 30 de outubro de 1793 seguido de debate.





d'avoir un grade dans les armées de la République, tant que la guerre durera.

« Vous nous demandez peut-être de vous les indiquer, et à quel signe les muscadins peuvent être reconnus dans nos armées, et surtout parmi les jeunes gens de la nouvelle levée.

« Nous bornons, quant à ce, notre demande à ce que feront nos collègues, commissaires dans les armées, qui les scrutinent et pourchassent vigoureusement. Décrêtez donc que vos commissaires seront tenus de prendre des renseignements dans tous les bataillons, et qu'ils fassent rentrer les muscadins dans une nullité incapable de nous nuire; nullité qui fera leur désespoir et le salut de la République.

« Invitez toutes les sociétés républicaines à les dénoncer aux représentants du peuple dans les armées, et cette horde liberticide disparaîtra.

« J. Frix BASIAN-SAFFRANÉ, *président*;  
LORDAT, *ex-secrétaire*; D. NOGUIS, *secrétaire*.

*Adresse (1).*

« Citoyens législateurs,

« La Société républicaine de Plaisance, au district de Nogaro, département du Gers, accepta avec des transports d'allégresse la Constitution populaire que vous avez donnée à la France, elle y vit la fin des divisions qui déchirent en tout sens la République.

« Trop éloignée du centre et du foyer d'où partent les éclairs de la foudre qui a terrassé les malveillants, la société fut un moment incertaine sur le nombre et la qualité de ses ennemis, elle n'attendit pas longtemps, leur chute fut plus prompte que le temps qu'ils employèrent à fomenter et méditer le renversement de l'unité et de l'indivisibilité de la République. Grâce vous en soient rendues, inébranlables représentants.

« Nous venons vous prier aujourd'hui de rester à votre poste ou d'y mourir en le défendant. Nous vous promettons et nous jurons sur nos armes de combattre tous vos ennemis qui sont les nôtres. Non, vous ne serez pas sourds à la voix de la patrie qui réclame de vous ce généreux dévouement. Vous resterez à votre poste. Eh! qui la défendrait contre les malveillants, cette Constitution qui est votre ouvrage? Il ne peut y avoir que vous. Serait-ce de nouveaux représentants, mais l'expérience ne nous a-t-elle pas appris à nous défier de nous-mêmes dans nos choix? A nous défier encore de ceux qui, pour mieux nous tromper, empruntent le langage des plus ardents républicains, à quelles mains plus fermes et plus sages pourrions-nous confier ce dépôt? A qui remettre le salut du peuple qui est la suprême loi? N'êtes-vous pas forcés à chaque instant de vous aider de cette loi suprême et de sortir des moyens ordinaires indiqués par la loi pour sauver le peuple? qui pourrait nous garantir une telle conduite de la part de ceux à qui nous remettrions une portion de l'autorité du souverain? Personne. Restez donc à votre poste tant que la patrie sera en danger; faites, par une justice prompte, ce que quatre ans de modération et d'indulgence n'ont pu opérer. Faites trembler nos ennemis qui se trouvent

(1) Archives nationales, carton C 279, dossier 749.

partout, dans les armées comme dans toutes les branches de l'Administration; de notre côté, nous vous promettons surveillance.

« Tels sont les sentiments unanimes de la Société républicaine de cette ville, des autorités constituées et de tous ses habitants, qui n'ont pas perdu le temps en de vains raisonnements, mais qui ont des soldats, tous volontaires, et beaucoup au delà de leur contingent; ils donnent dans toutes les armées l'exemple du courage et de la discipline.

J. Frix, BASIAN-SAFFRANÉ, *président*; VERDIER, *secrétaire*; J. MAGENET, *secrétaire*.

La section des Lombards, qui a toujours marché d'un pas ferme dans le sens de la Révolution, désirant donner les derniers coups de massue aux aristocrates, aux fédéralistes et aux fanatiques, a arrêté de décréter une fête civique aux mânes de Marat et Le Peletier, le premier décadi de brumaire; elle invite la Convention nationale à honorer cette fête par une députation de son sein.

L'invitation est acceptée par l'Assemblée (1).

Suit l'invitation de la section des Lombards (2).

« Citoyens législateurs,

« La section des Lombards, qui a toujours marché d'un pas ferme dans le sens de la Révolution, désirant donner les derniers coups de la massue nationale aux aristocrates, aux fédéralistes, aux fanatiques, a arrêté de décréter aux mânes de Marat et Le Peletier une fête civique le décadi de la première de brumaire de l'an II de la République française une et indivisible.

« Elle invite la Convention de vouloir bien honorer sa fête d'une députation de son sein, à l'effet de se rendre à Saint-Jacques-le-Majeur à dix heures du matin, et a nommé pour commissaires les citoyens Lelièvre aîné, Riolet, Lamouque, Colmet, Antoine Courbu, Perron, Judagot, Bonni, Le Camus, Laoroix, Le Tellier, Despret, Couturot, Menot, Diaore, Barat pour l'octidi de brumaire.

« Pour copie conforme :

« CHATELAIN, *président*; LELIÈVRE, *président de la société*; AUMONT, *secrétaire*.

Un membre [AMAR (3)], au nom du comité de sûreté générale, présente un projet de décret, portant que les clubs et Sociétés populaires de femmes sont défendus (4), et que les séances des Sociétés populaires doivent être publiques.

Le projet de décret est adopté ainsi qu'il suit :

« La Convention nationale, après avoir entendu son comité de sûreté générale, décrète ce qui suit :

(1) Procès-verbaux de la Convention, t. 24, p. 204.

(2) Archives nationales, carton C 280, dossier 761.

(3) D'après la minute du décret qui se trouve aux Archives nationales, carton C 277, dossier 729, et d'après les divers journaux de l'époque.

(4) Voy. ci-dessus, séance du 8 brumaire an II, p. 20, la pétition de diverses citoyennes protestant contre l'obligation de porter le bonnet rouge.



délibération importante, et où il s'agissait de prendre des mesures utiles à la patrie.

La section des Marchés, instruite de ces événements, prit une délibération, par laquelle elle annonce à votre comité qu'elle croit que quelques malveillants ont pris le masque d'un patriotisme exagéré pour exciter un mouvement sectionnaire et une espèce de contre-révolution dans Paris. Cette section demande qu'il soit défendu de gêner personne dans la liberté des costumes, et que les sociétés populaires de femmes soient sévèrement interdites, au moins pendant la révolution.

Le comité a cru devoir porter plus loin son examen. Il a posé les questions suivantes : 1° Est-il permis à des citoyens ou à une société particulière de forcer les autres citoyens à faire ce que la loi ne commande pas ; 2° les rassemblements de femmes réunies en sociétés populaires, à Paris, doivent-ils être permis ? Les troubles que ces sociétés ont déjà occasionnés ne défendent-ils pas de tolérer plus longtemps leur existence ? Ces questions sont naturellement compliquées, et leur solution doit être précédée de deux questions plus générales, que voici : 1° Les femmes peuvent-elles exercer les droits politiques et prendre une part active aux affaires du gouvernement ; 2° peuvent-elles délibérer réunies en associations politiques ou sociétés populaires. Sur ces deux questions le comité s'est décidé pour la négative. Le temps ne lui a pas permis de donner tous les développements dont ces grandes questions, et la première surtout, sont susceptibles. Nous allons jeter en avant quelques idées qui pourront les éclaircir. Votre sagesse saura les approfondir.

1° Les femmes doivent-elles exercer les droits politiques et s'immiscer dans les affaires du gouvernement ? Gouverner, c'est régir la chose publique par des lois dont la confection exige des connaissances étendues, une application et un dévouement sans bornes, une impassibilité sévère et l'abnégation de soi-même ; gouverner c'est encore diriger et rectifier sans cesse l'action des autorités constituées. Les femmes sont-elles susceptibles de ces soins et des qualités qu'ils exigent. On peut répondre en général que non. Bien peu d'exemples démentiraient ce jugement.

Les droits politiques du citoyen sont de discuter et de faire prendre des résolutions relatives à l'intérêt de l'Etat par des délibérations comparées, et de résister à l'oppression. Les femmes ont-elles la force morale et physique qu'exige l'exercice de l'un et de l'autre de ces droits ? L'opinion universelle repousse cette idée.

Secondement, les femmes doivent-elles se réunir en association politique ? Le but des associations populaires est celui-ci : dévoiler les manœuvres des ennemis de la chose publique, surveiller et les citoyens comme individus et les fonctionnaires publics, même le corps législatif ; exciter le zèle des uns et des autres par l'exemple des vertus républicaines, s'éclairer par des discussions publiques et approfondies sur le défaut ou la réformation des lois politiques. Les femmes peuvent-elles se dévouer à ces utiles et pénibles fonctions ? Non, parce qu'elles seraient obligées d'y sacrifier des soins plus importants auxquels la nature les appelle. Les fonctions privées auxquelles sont destinées les femmes par la nature même tiennent à l'ordre général de la société ; cet ordre social résulte de la différence qu'il y a entre l'homme et la femme. Chaque sexe est appelé à un genre d'occupation qui lui est propre ;

son action est circonscrite dans ce cercle qu'il ne peut franchir ; car la nature qui a posé ces limites à l'homme commande impérieusement, et ne reçoit aucune loi.

L'homme est fort, robuste, né avec une grande énergie, de l'audace et du courage ; il brave les périls, l'intempérie des saisons par sa constitution ; il résiste à tous les éléments, il est propre aux arts, aux travaux pénibles ; et comme il est presque exclusivement destiné à l'agriculture, au commerce, à la navigation, aux voyages, à la guerre, à tout ce qui exige de la force, de l'intelligence, de la capacité, de même il paraît seul propre aux méditations profondes et sérieuses qui exigent une grande contention d'esprit et de longues études qu'il n'est pas donné aux femmes de suivre.

Quel est le caractère propre à la femme ? Les mœurs et la nature même lui ont assigné ses fonctions : commencer l'éducation des hommes, préparer l'esprit et le cœur des enfants aux vertus publiques, les diriger de bonne heure vers le bien, élever leur âme et les instruire dans le culte politique de la liberté ; telles sont leurs fonctions après les soins du ménage, la femme est naturellement destinée à faire aimer la vertu. Quand elles auront rempli tous ces devoirs, elles auront bien mérité de la patrie. Sans doute, il est nécessaire qu'elles s'instruisent elles-mêmes dans les principes de la liberté, pour la faire chérir à leurs enfants ; elles peuvent assister aux délibérations des sections, aux discussions des sociétés populaires ; mais, faites pour adoucir les mœurs de l'homme, doivent-elles prendre une part active à des discussions dont la chaleur est incompatible avec la douceur et la modération qui sont le charme de leur sexe ?

Nous devons dire que cette question tient essentiellement aux mœurs, et sans les mœurs, point de République. L'honnêteté d'une femme permet-elle qu'elle se montre en public, et qu'elle lutte avec les hommes, de discuter, à la face d'un peuple, sur des questions d'où dépend le salut de la République ? En général, les femmes sont peu capables de conceptions hautes et de méditations sérieuses ; et si, chez les anciens peuples, leur timidité naturelle et la pudeur ne leur permettaient pas de paraître hors de leur famille, voulez-vous que, dans la République française, on les voie venir au barreau, à la tribune, aux assemblées politiques comme les hommes ; abandonnant, et la retenue, source de toutes les vertus de ce sexe, et le soin de leur famille ?

Elles ont plus d'un autre moyen de rendre des services à la patrie ; elles peuvent éclairer leurs époux, leur communiquer des réflexions précieuses, fruit du calme d'une vie sédentaire, employer à fortifier en eux l'amour de la patrie par tout ce que l'amour privé leur donne d'empire ; et l'homme, éclairé par des discussions familières et paisibles au milieu de son ménage, rapportera dans la société les idées utiles que lui aura données une femme honnête.

Nous croyons donc qu'une femme ne doit pas sortir de sa famille pour s'immiscer dans les affaires du gouvernement.

Il est un autre rapport sous lequel les associations des femmes paraissent dangereuses. Si nous considérons que l'éducation politique des hommes est à son aurore, que tous les principes ne sont pas développés, et que nous balbutions encore le mot liberté, à plus forte raison, les femmes, dont l'éducation morale est presque nulle, sont-elles moins éclairées dans les prin-



cipes. Leur présence dans les sociétés populaires donnerait donc une part active dans le gouvernement à des personnes plus exposées à l'erreur et à la séduction. Ajoutons que les femmes sont disposées, par leur organisation, à une exaltation qui serait funeste dans les affaires publiques, et que les intérêts de l'État seraient bientôt sacrifiés à tout ce que la vivacité des passions peut produire d'égarément et de désordre. Livrées à la chaleur des débats publics, elles inculqueraient à leurs enfants, non l'amour de la patrie, mais les haines et les préventions.

« Mais, voyons donc, et sans doute vous pensez comme nous, qu'il n'est pas possible que les femmes exercent les droits politiques. Vous détruisez ces prétendues sociétés populaires de femmes que l'aristocratie voudrait établir, pour les mettre aux prises avec les hommes, diviser ceux-ci, en les forçant de prendre un parti dans ces querelles, et exciter des troubles.

Charlier. Malgré les inconvénients qu'on vient de citer, je ne sais sur quel principe on peut appuyer pour retirer aux femmes le droit de s'assembler paisiblement. (Murmures.) A moins que vous ne contestiez que les femmes font partie du genre humain, pouvez-vous leur ôter ce droit commun à tout être pensant? Lorsqu'une société populaire manquera à l'ordre général, aux lois, les membres qui seront prévenus du délit, ou l'association entière si elle s'en est rendue coupable, seront poursuivis par la police; et vous avez des exemples de la dissolution de plusieurs sociétés qui avaient été atteintes par l'aristocratie; mais que la crainte de quelques abus dont une institution est susceptible, ne vous fasse pas détruire l'institution elle-même; car quelle est l'institution qui soit exempte d'inconvénients?

Basire. Il n'est personne qui ne sente le danger d'abandonner à la police la surveillance et la haute direction sur les sociétés populaires; ainsi, ce remède, qui est lui-même un abus, ne doit pas être allégué contre les inconvénients trop réels des sociétés de femmes. Voici comment on peut motiver la suspension de ces sociétés: vous vous êtes déclarés gouvernement révolutionnaire, en cette qualité, vous pouvez prendre toutes les mesures que commande le salut public. Vous avez jeté pour un instant le voile sur les principes, dans la crainte de l'abus qu'on en pourrait faire, pour nous mener à la contre-révolution. Il est donc uniquement question de savoir si les sociétés de femmes sont dangereuses. L'expérience a prouvé, ces jours passés, combien elles sont funestes à la tranquillité publique; cela posé, qu'on ne me parle plus de principes. Je demande que révolutionnairement, et par forme de mesure de sûreté publique, ces associations soient interdites, au moins pendant la révolution.

Le décret proposé par Amar est adopté en ces termes:

(Suit le texte du décret que nous avons inséré ci-dessus d'après le procès-verbal.)

Le comité d'instruction publique [ROMME, rapporteur (1)] propose, sur le mode de jugement ouvert pour les prix de sculpture, peinture et

architecture, un décret (1) qui est adopté en ces termes:

« La Convention nationale, après avoir entendu son comité d'instruction publique, décrète ce qui suit:

Art. 1<sup>er</sup>.

« Le concours pour les prix de sculpture, peinture et architecture, est jugé par un jury.

Art. 2.

« Le jury est composé de 50 membres.

Art. 3.

« Il est nommé par la Convention nationale, sur la présentation de son comité d'instruction publique.

Art. 4.

« Le lendemain de la publication du décret, les objets proposés au concours sont exposés publiquement dans le muséum: cette exposition dure cinq jours.

Art. 5.

« Trois jours après l'exposition, le jury se rassemble en séance publique dans le même lieu.

Art. 6.

« Le jury, après avoir nommé un président et deux secrétaires, ouvre la discussion sur le mérite ou les défauts des objets soumis au concours, dans l'ordre suivant: 1<sup>o</sup> la sculpture; 2<sup>o</sup> la peinture; 3<sup>o</sup> l'architecture.

Art. 7.

« Le jury prononce d'abord sur chaque partie, s'il y a lieu à accorder des prix.

Art. 8.

« Dans le cas où il prononcerait qu'il ne doit point être accordé de prix dans une ou dans plusieurs de ces parties, les prix de l'année prochaine doivent être doubles.

Art. 9.

« S'il y a lieu à accorder les prix, le jury procède au jugement par appel nominal, et ne se sépare pas, dans la première séance, qu'il n'ait prononcé sur la première partie.

Art. 10.

« Le jury prononce successivement et de la même manière sur les deux autres parties, en se renfermant pareillement pour chacune dans la durée d'une séance.

Art. 11.

« Chaque membre du jury, en votant, donne par écrit les motifs de son opinion, tant sur la

(1) Ce décret comprend les principales dispositions d'un autre décret ayant le même objet qui avait été adopté à la séance de la veille (Voy. ci-dessus séance du 8 brumaire, p. 19) sur la motion de Romme.

(1) D'après le *Moniteur universel* [n<sup>o</sup> 42 du 12 brumaire (samedi 2 novembre 1793), p. 171, col. 2].